

Gabriel
ANTUNES
Encadernador
Rua Fernandes Tomás, 51
Telef. 22251 - COIMBRA

RP

8

14

D
D

0
5
3

D

RP

8

14

REVISTA DE CULTU

AGORA

RA UNIVERSITARIA

ANO I

108

N.º 1



C O I M B R A

DEZEMBRO • M C M X X V

DIRECTOR: JOSÉ LEOPOLDO LOPES DE NEIVA
RED. PRINCIPAL: ABÍLIO ANTUNES PEREIRA DA SILVA
EDITOR E ADMINISTRAD.: JOSÉ MENDES DA FONSECA

Redacção e Administração: Largo da Fornalhinha, 19 — COIMBRA

S U M Á R I O

A IDADE DIZ Á MOCIDADE	— <i>Dr. Agostinho de Campos</i>
ANTERO, PENSADOR	— <i>Pereira da Silva</i>
EU, O GLADIADOR	— <i>Manuel Barbosa</i>
BASES CIENTÍFICAS DA EUGÉNICA	— <i>F. de V.</i>
SONETO	— <i>Edgar Carneiro</i>
O «BREVE MEMORIAL»	— <i>António Cruz</i>
A TIRANIA DOS NÚMEROS	— <i>Persil</i>
A BALA DE JÚLIO VERNE	— <i>Dâmaso Gomes</i>

PREÇO: ASSINATURA (3 NÚMEROS)	6\$00
NÚMERO AVULSO	2\$50

Não desejando a assinatura, pede-se a devolução do exemplar

Á G O R A

REVISTA DE CULTURA UNIVERSITARIA

108

A Idade diz à Mocidade:

O vosso título — prezados companheiros de trabalho e estudo — fostes buscá-lo à Grécia antiga. Bom sinal de que vos atrai o Humanismo humanizador do Homem.

Agóra (com acento no *o*) vai a Lusa Atenas possuir, como a helénica, o seu *Ágora* (com acento no *a*), o que pode significar a sua praça literária larga, aonde virão desembocar as várias ruas da cidade estudiosa: a do Direito, a das Letras, etc. Bem o merecia a Coimbra escolar, que já tinha a *Rua dos Estudos* e a *Rua da Matemática*. Evitai porém os *Palácios Confusos*, visto que surgis arvorando êsse emblema da Grécia clara; e também o *Bêco das Canivetas*, cujo nome lembra as canivetadas sectárias. . .

E tratai, senhores e amigos, de ser, na Cidade do Espírito, melhores architectos urbanistas do que os nossos construtores materiais. Êsses não conseguiram, desde que Pombal lhes legou como exemplos, há quási dois séculos, o Rossio e o Terreiro do Paço, conceber ou executar um só plano satisfatório de verdadeira Praça, onde olhos e alma repousem do desalinho das vielas tortuosas, na consolação da Ordem e do Sistema, que de linhas simples, mas harmónicas, tiram conjuntos monumentais.

Nascem as urbes da extensão do campo como seres rudimentares, com a respectiva *Rua Direita* (relativamente); mas chega um momento em que teem de agenciar para Praça ampla qualquer *ressio* ou terreiro acomodado aos usos de uma existência já orgânica. Em redor do *ágora* grego surgiram assim o templo, as estátuas dos deuses, os pórticos onde os magistrados distribuíam justiça e se reüniam os vários conselhos administrativos ou políticos. No centro, em certos dias, fervilhava o mercado; e por aqui se vê que a Praça era o foco visceral, ao mesmo tempo, da vida inteligente do povoado e das suas urgências meramente vegetativas.

Não podia diferir muito da praça ateniense a sua irmã medieval, com a igreja, a *domus municipalis* e o pelourinho ou picota: quando muito seria escolhido outro sítio mais largo para *campo da feira*; mas nem sempre, como provam as significações que à palavra *praça* aderiram noutras idades na nossa Língua e ainda hoje perduram (*pôr em praça; a praça de Lisboa está em crise; negociante desta praça*), indicando que no mesmo local por longo tempo convizinham o espírito e a matéria do aglomerado.

Não assim no vosso *Ágora*, primeira forma de futuros ermitérios ou conventos franciscanos onde mais tarde — se não traídes pela vida fora o amor das Ciências e das Letras — havereis de prestar culto bem desinteressado à *Madonna Povertá* da Investigação, da Crítica, da História, ou da Criação literária e científica.

Tomai alegremente esta profecia de que vos não estais, como dizem, «habilitando à Sorte Grande». Quem vo-la faz não se arrepende, passados quarenta anos trabalhosos, de ter gasto a vida amando as ideias e as formas, já que as não pôde servir. Há prazeres e riquezas neste mundo que não se compram e ainda menos se vendem. O oiro que verdadeiramente vale sai das minas que o homem tem em si mesmo — quando as tem e quando as explora.

Mas...

Agora me lembro do nosso Camões e do enderêço da sua admirável canção *Vinde cá*:

*Não mais, Musa, não mais, que irei falando,
Sem o sentir, mil anos...*

Convém não engorgitar o vosso *Ágora* com a Apresentação que me pedistes. E, visto que de Praça se trata, acabarei com algumas citações oportunas da sabedoria do povo português, nosso mestre.

Meditai e estudai antes de apparecerdes: *Tanto vale cada um na Praça, quanto vale o que tem na caixa...* dos miolos.

Critiquemo-nos sempre e severamente a nós próprios antes que nos critiquem os outros: *A quem faz casa na Praça dizem uns que é alta, outros que é baixa* — e fica a gente às aranhas.

Evite-se a descompostura e o escândalo, tão amados das plateias ignaras e das esquinas ociosas. Discussão sempre objectiva e serena; paz aos homens na guerra das ideias. Não há melhores vacinas contra a infecção do ódio pessoal, filho do orgulho ferido: *Quem te não ama, na Praça te difama*.

Sempre e sempre, o seu a seu dono, e o nosso, bem nosso, por pouco que seja: *Quem o alheio veste, na Praça o despe...*

Enfim: muito há que recolher e fixar nos ditados que a experiência popular trouxe da Praça — o que mais uma vez prova que podemos bem aprender Letras com o povo que as não tinha. (E vá lá, já agora, mais esta cereja agarrada às outras: a palavra *literatura* é imprópria na origem, porque vem de *littera*, e há *Letras* sem letras. Exemplo actual: Carlos Chaplin, o vosso conhecido *Charlot*, que soube criar um tipo literário sem escrever, e até sem falar).

Ora, dos nossos velhos provérbios só um envelheceu. E' aquele que diz: *O homem na Praça, e a mulher em casa*. No *Ágora* das Letras e dos Estudos, a mulher tem hoje o seu

lugar ao lado do homem. Sensível, ninguém já estranha vê-la participar honrosamente na criação literária; paciente e minuciosa, que melhor obreira pode haver para as tarefas do ensino, da pesquisa, da classificação e de todo o labor erudito?

Dai pois espaço às vossas Colegas, convidai-as e animai-as, visto que sôis da boa terra onde o homem ainda se levanta de algum poiso cómodo, para que se sente — idosa ou moça, rica ou pobre — a Mulher, nossa irmã, nossa filha, nossa mãe, nossa mulher.

AGOSTINHO DE CAMPOS



A n t e r o , p e n s a d o r

Talvez seja banalidade dizê-lo. Mas uma verdade nem pelo facto de ser banal deixa de ser verdadeira.

E' por isso que eu direi, depois de tantos outros: Antero foi um poeta e um pensador. Através da sua obra, nós podemos — ou analisar-lhe o cérebro ou perscrutar-lhe o coração. (Que se me perdoe a velha terminologia localista. . .)

Mas — se o aspeto individual nos interessa (porque nos mostra um homem) — o aspeto universal interessa-nos mais — porque nos mostra um filósofo (ou seja: o Homem).

Que Antero foi, acima de tudo, um intelectualista — mostra-o a seguinte quadra da poesia «Fada negra»:

*Ração! velha de olhar agudo e cru
E de hálito mortal mais do que a peste!*

*Pelo beijo de gêlo que me deste,
Fada negra, bendita sejas tu!*

Já aqui notamos o contraste ideò-emotivo, a que podemos chamar a «simpatia pelo péssimo» ou (se não quiséssemos evitar o paradoxo) a «simpatia pelo antipático». Esta tendência aberrativa (que poderia ser uma simples habilidade literária) explica-se, em meu entender, pelo conflito aberto entre a emotividade espontânea e naturalmente eufórica do temperamento de Antero e o frio agnosticismo do seu pensamento crítico. Antero vê a aparência linda; mas não se deixa rejubilar com ela. O pensamento repele a aparência; e o poeta conclui:

*Pelo pranto e as torturas benfazejas
Do desengano. . . pela paz austera
Dum morto coração, que nada espera,
Nem deseja tambem. . . bendita sejas!*

Há aqui quási a febre masochista de sofrer, de gozar com o próprio sofrimento — e exprimir êsse gôzo pela forma suprema: a anestesia do prazer. Creio que é aí que se vai buscar o «budismo» psicológico de Antero. Mas os críticos querem que a poesia anteriana seja forçosamente a intelectualização duma falha, duma quebra, dum desequilíbrio emotivo — possivelmente com base orgânica. Ora, sem refutar a fundo esta interpretação, eu apresento outra: a psicose de Antero é o resultado da luta entre o que há, na alma humana, de universal e o que nela há de individual. E' assim que Antero, com os seus sonetos, tomará logar ao lado dos grandes herois do drama humano — desde Dante Alighieri ao «Hamlet», de Shakespeare; ao «D. Quixote», de Cervantes — e ao «Fausto», de Goëthe.

A impotência da razão humana, em face ao mistério do Infinito — dá-no-la Antero, por exemplo, na poesia «Os capti-

vos». Há neste formoso poemeto (a par duma inspiração byroniana) qualquer coisa que me faz lembrar Platão — com o seu «mito da caverna» :

O homem tem os muros da prisão !

Enquanto a sua consciência vela às grades e interroga toda a Natureza, esta, ingenuamente inconsciente, apenas responde :

A noite, a escuridão, o abismo, o nada !

A mesma conclusão nihilista se tira de «Os vencidos». Perante os três grandes problemas da existência — o Amor, a Justiça, a Religião — o Homem acaba por se confessar descrente e desiludido :

*E os três, unindo a voz num ai supremo,
E deixando pender as mãos cançadas
Sobre as armas inúteis e quebradas,
Num gesto inerte de abandono extremo,*

*Sumiram-se na sombra duvidosa
Da montanha calada e formidável,
Sumiram-se na selva impenetrável,
E no palor da noite silenciosa.*

Mas já o conflito intrínseco entre a alma e o espírito de Antero — entre «o coração» e «o cérebro» — nos aparece nas duas belas poesias: «Entre sombras» e «Hino da manhã». Na primeira, uma visão deliciosa

*Pousa a mão compassiva e perfumada
Sobre o meu dolorido coração . . .*

Veio de longe para trazer ao poeta «paz e alívio».

*Mas eu escuto-a imóvel, sonolento
— A noite veste um desconsolo imenso —
Sinto nos membros como um chumbo denso,
E mudo e tenebroso o pensamento . . .*

*Fito-a, num pasmo doloroso, absorto
— A noite é erma como campa enorme —
Fito-a com os olhos turvos de quem dorme
E respondo: Bem sabes que estou morto!*

A segunda poesia é já caracterizadamente intelectualista — e, nela, o poeta denuncia a mentira das formas e das coisas:

*Porque a noite é a imagem da Verdade,
Que está além das cousas transitórias,
Das paixões e das formas ilusórias,
Onde sòmente há dor e falsidade . . .*

O pessimismo de Antero sistematiza-se e envolve o Universo inteiro:

*Porque a noite é a imagem do Não-Ser,
Imagem do repouso inalterável
E do esquecimento inviolável,
Que anceia o mundo, farto de sofrer . . .*

A própria luz da madrugada (que é, para êle, uma luz «casta e alegre», «imaculada» e «bendita») encobre, afinal, toda a vasta miséria e toda a dor da Humanidade:

*Antes tu nunca fôsses, luz formosa!
Antes nunca existisses! e o Universo
Ficasse inerte e eternamente imerso
Do possível na névoa duvidosa!*

*O que trazes ao mundo em cada aurora?
O sentimento só, só a consciência
Duma eterna, incurável impotência,
Do insaciável desejo, que o devora!*

.....
*E porquê? para quê? Para que os chamas,
Serena luz, ó luz inexorável,
A' vida incerta e à luta inexpiável,
Com as falsas visões, com que os inflamas?*

E é porque o poeta *sabe* que tudo é escuridão, e mentira,
e tristeza, que êle nega a luz, nega a verdade e a alegria :

*Oh! não! luz gloriosa e triunfante!
Sacode embora o encanto e as seduções,
Sobre mim, do teu manto de ilusões:
A meus olhos, és triste e vacilante...*

.....
*Surges em vão, e em vão, por toda a parte,
Me envolves, me penetras, com amor...
Causas-me espanto a mim, causas-me horror,
E não te posso amar — não quero amar-te!*

*Símbolo da Mentira universal,
Da aparência das cousas fugitivas,
Que esconde, nas moventes perspectivas,
Sob o eterno sorriso o eterno mal,*

*Símbolo da Ilusão, que do infinito
Fez surgir o Universo, já marcado
Para a dor, para o mal, para o pecado,
Símbolo da existência, sé maldito!*

Exactamente, a dor do poeta consiste em ser obrigado a recusar, como falso, aquilo que os outros (e êle próprio) crêem ser a felicidade e anseiam por possuir.

Essa renúncia dolorosa às belezas da existência (renúncia que, certamente, explicará, mais tarde, o seu suicídio) resulta (como tenho dito) da atitude filosófica do pensamento de Antero. Se êle diz:

... Bem sabes que estou morto!

— e, na outra poesia:

... não quero amar-te!

é por isso mesmo que o seu cérebro lhe impõe a triste realidade das coisas e o convence da inanidade dos prazeres sensíveis e, até, das afeições do coração. E' o «vai para um convento», do Hamlet; é o «lasciate ogni speranza», do «Inferno» de Dante; é o «yo nasci para morir viviendo», do D. Quixote, vencido; é, finalmente, a sensação de impotência do dr. Fausto, ante as belezas eternas da Vida.

E é êsse «sentimento trágico da Vida», característica das religiões orientais, que há-de dar toda aquela grandeza, austera e reflectida, dos sonetos de Antero.

Antero do Quental não é um poeta português: é uma figura universal de pensador. E' uma alma fáustica, mergulhada sobre si própria — e procurando sondar, nos seus próprios mistérios, os segredos do Infinito. E Antero é, ao mesmo tempo, o lírico da luz da manhã, do amor ideal — o homem que cantou a Mulher, em versos como êstes:

.....
*E a mim, a quem deu olhos para ver-te,
Sem poder mais... a mim o que me há dado?
Voz, que te cante, e uma alma para amar-te!*

.....

*Não temas pois — Oh vem! o céu é puro, e calma
E silenciosa a terra, e doce o mar, e a alma...
A alma! não a vês tu? mulher, mulher! oh, vem!*

E' precisamente êste o martírio de todos os poetas: o de não poder conciliar o ideal com a realidade. Mas não esqueçamos que Antero foi, acima de tudo, um filósofo; e é a essa filosofia — filosofia negativista — que Antero vai buscar o remédio supremo: a Morte!

Lendo êsse sublime soneto: «O que diz a Morte», parece-nos estar a ouvir a apologia do aniquilamento final, feita pela bôca dum místico cristão da Idade-Média. E' a noção da morte libertadora — que nos aparece tambem num outro soneto de Antero — «Mors liberatrix» — e, principalmente, no fúnebre «Elogio da Morte», magnífica composição de seis sonetos — cujo quinto soneto acaba assim:

*Dormirei no teu seio inalterável,
Na comunhão da paz universal,
Morte libertadora e inviolável!*

Foi esta a solução, por certo, que Antero encontrou para o agudo problema psicológico que lhe atormentou o final da vida: a sua posição perante o Universo.

Será, pois, na perene tranqüilidade da Natureza sua amada que o coração do poeta irá repousar para sempre — desfeito já em cinzas e dissolvido pelos espaços o grande e poderoso instrumento de tortura que foi o seu cérebro de filósofo e pensador.

ABÍLIO PEREIRA DA SILVA.

E u , o g l a d i a d o r

*Na arena da existência pôs-me o fado,
Para gáudio dos deuses — que irrisão!
Neste solo maldito, o coração
Ou tomba exangue ou luta, fero e ousado.*

*Tenho na frente a bárbara expressão
Do gladiador ferido e ensangüentado;
E, se na arena ao céu ergui meu brado,
Chasqueia e ri de mim a multidão.*

*Arvora-se em juiz a cobardia,
A turba-multa ulula e assobia . . .
— Ai daquele que não puder vencer!*

*Na arena da existência — ampla e feroz —
Não serei eu quem erga a sua voz
Num « Ave-Caesar! », p'ra depois morrer!*

MANUEL BARBOSA

Bases Científicas da Eugénica

O significado próprio de Eugénica é o de Higiene da raça, isto é, Ciência que procura evitar e corrigir a degeneração dos indivíduos e das sociedades.

Nêste sentido, há nitidamente diferença entre a Eugénica científica e certos processos ou mesmo doutrinas hoje muito espalhadas. Queremos referir-nos, particularmente às ideias correntes sôbre limitação dos filhos.

A Eugénica assenta, ou melhor, é um capítulo da Ciência chamada Hereditariedade, nas suas ligações com a Medicina e, como tal, vai buscar as suas bases à Biologia.

Porque é um aspecto curioso das tendências modernas, interessa a todos os que ainda pensam um pouco. . .

Por outro lado, como sempre que se trata de problemas sociais, o assunto é melindroso e levanta discussões apaixonadas, umas racionais, outras com fundamentos apenas em crenças, em religiões, em sentimentos. . . O que é necessário é desde já assentar em que a Eugénica deve olhar-se como independente de sentimentos e subjectividades, tal como outro qualquer ramo da Higiene.

Hoje sabe-se que a hereditariedade dos caracteres se faz segundo certas leis que foram descobertas nos meados do século passado pelo frade austríaco Gregor Mendel. Caídas durante meio século no esquecimento, foram depois redescobertas logo no princípio do nosso século e vieram trazer à interpretação da herança a certeza e a ordem, quando antes apenas havia confusão em tais assuntos.

Fundamentalmente, cada caracter comporta-se hereditariamente como uma unidade que se não mistura com as outras, podendo, porém, reagir com elas e ficar como que apagado durante várias gerações e pode-se prever com segurança quais

as características dos filhos de determinado casal, desde que a ascendência dos progenitores seja conhecida. Tudo se resume em última análise a simples combinações matemáticas.

Não entraremos em detalhes, pois não é este o nosso tema e aos estudiosos que o queiram fazer não faltarão livrinhos de divulgação próprios.

Frizemos, porém, o seguinte:

A hereditariedade não é nenhuma «potência que, misteriosa e incoerentemente» determina que os filhos se pareçam com os pais, não há nada de teológico na passagem de umas a outras gerações, mas antes, as coisas realizam-se com uma segurança e simplicidade magníficas.

A completar os dados genéticos ou do estudo de sucessivas gerações sob o ponto de vista hereditário, veio a moderna Citologia demonstrar que os caracteres aparentes dos indivíduos são condicionados por genes, isto é, *corpúsculos* que existem nas células e que se agrupam em unidades visíveis ao microscópio mesmo em vivo — os cromosomas. Nos animais, nas plantas, no homem — em qualquer caso, a hereditariedade dá-se da mesma maneira.

Se a hereditariedade é, digamos, tão verdadeiramente científica que a podemos chamar mecânica, todas as suas aplicações têm uma base segura e livre de controvérsia, o que é importante. Pois bem, a Eugénica procura apenas evitar que certos caracteres, uma vez conhecido que são desfavoráveis, se transmitam de geração em geração e venham no futuro a ser grandes chagas da humanidade e, a par deste objectivo negativista, ainda, como lema construtivo, melhorar a sociedade actual — e os seus fundamentos são sólidos.

Dizer-se que a Humanidade, ou melhor, as sociedades civilizadas estão degeneradas — e tendem ainda a degenerar mais, é um lugar comum, que, todavia, é uma grande verdade.

Exemplos flagrantes para a compreensão do processo

degenerativo são-nos fornecidos pela observação das estatísticas das doenças nos vários tempos e por considerações de ordem social.

Sabe-se actualmente que a maior parte das doenças, mesmo as mais banais, são hereditárias. O que os pais transmitem aos filhos não é por exemplo uma hérnia inguinal, mas certa predisposição para o seu desenvolvimento, ou seja, o *terreno* próprio. Sabemos que a muitos médicos custará a compreender e aceitar êstes factos (pois de factos se trata) habituados como estão a ver sempre o meio como único causador da maioria das lesões!

O estudo dos gémeos provenientes dum ôvo é, porém, concludente a êste respeito.

Doenças hereditárias são, entre outras, a miopia, a tendência para as moléstias dentárias, etc.

Suponhamos que num povo primitivo de nómadas caçadores, aparecia um indivíduo miope. Não poderia ver a caça a distância, nem fugir das feras a tempo, enfim, não teria probabilidade de chegar à puberdade e reproduzir-se legando a sua doença à descendência. A selecção natural encarrega-se de em tais povos eliminar os fisicamente deformados.

Nas sociedades civilizadas, pelo uso dos óculos e pelas condições de vida diferentes, já o miope tem tantas ou quasi tantas probabilidades de vida como os sãos.

Se cada miope tiver 4 filhos e se a progressão fôr sempre a mesma haverá ao fim de 10 gerações 1.048.576 miopes.

Visto que nas nossas sociedades civilizadas não existe a selecção natural a degenerescência é inevitável se não houver uma selecção, digamos, artificial.

E' essa selecção que a Eugénica pretende fazer.

Para sossêgo dos miopes — e são tantos! — esclareçamos que só os casos de cegueira é que devem ser rigorosamente evitados, visto que muitas vezes as outras qualidades são aproveitáveis. Como generalização é preciso ter cuidado na

aplicação dêstes princípios, não podemos pretender homens ideais, mas apenas o menos doentes possível.

O que dizemos das doenças corporais, aplica-se também a respeito de tantas deformações psíquicas hereditárias.

O outro aspecto dêstes problemas e que se prende também com o lado prático, não é menos interessante.

Embora todas as utopias, certo é que há camadas sociais. No geral, os elementos das classes elevadas representam valor real, sem querermos negar a existência de valores potenciais nas camadas inferiores. Duma maneira que não tem nada de absoluto, os indivíduos das classes superiores representam um estado mais aperfeiçoado e que resiste mais na luta pela vida. Nas classes inferiores são mais freqüentes os seres com taras, degenerados.

As estatísticas dizem-nos que, enquanto nas classes elevadas cada casal tem em média não chega a 2 filhos, os casais das classes baixas procriam 4 filhos. Supondo que tínhamos uma sociedade constituída por 50% de indivíduos das classes superiores e 50% das inferiores ao fim de 300 anos, se se mantivesse o índice de natalidade estatístico, haveria 0,2% de indivíduos das classes elevadas e 99,8% das classes baixas. Isto na mesma raça e na mesma região.

Comparando a natalidade por casal de brancos e de pretos na União-Sul-Africana, vê-se que nos segundos é dupla dos primeiros. Infere-se facilmente qual o fim que é de esperar para a raça branca. . . A compensação natural desta degenerescência é a subida até às classes elevadas de elementos das classes inferiores que tinham valor potencial e passaram a tê-lo real.

Curioso é também o seguinte dado das estatísticas: Verifica-se que os piores alunos das escolas médias e inferiores são no geral os filhos de famílias numerosas. Em parte podem imputar-se como causas *dificuldades financeiras* da família, mas mesmo assim não se consegue explicar tudo.

E' que a estupidez deve andar ligada com uma maior

reproductibilidade. Claro que há excepções e excepções felizes.

Agora as conclusões práticas que se extraem de todos êstes factos que enumeramos e doutros semelhantes.

Para defesa da sociedade é conveniente, é, mesmo, necessário impedir que os tarados, os altamente degenerados, gerem seres que estão condenados às mais negras misérias e que vêm sobrecarregar a vida de todos, dos que não são degenerados. Ao mesmo tempo, seria o ideal *construir*, isto é, criar entre as classes altas o espírito eugenista e combater a limitação dos nascimentos feita sem motivo, apenas porque se quer levar uma vida mais fácil. . .

Mais uma vez esclarecemos que não consideramos senão o aspecto científico-social destas questões.

Não fazer Eugénica, quando necessária, é um crime praticado contra as gerações futuras.

No que toca a Portugal, cremos que não somos dos que estamos pior, pois verifica-se que as classes médias e as dos campos estão dando ainda elementos de valor e não parecem esgotadas.

Infelizmente os casais que vivem bem e que representam indivíduos com valor real, estão adoptando as doutrinas e as práticas da limitação dos filhos, enquanto que os degenerados não o fazem.

Coimbra, 16 de Novembro de 1935.

F. DE V.

S o n e t o

*Que fantasma domina os meus sentidos,
Quer seja claro dia ou noite escura,
E rasga aqueles passos meus perdidos,
Lembrando-me que fujo à sepultura?*

*Vou por caminhos novos e floridos
Buscar não sei que estranha formosura,
E atrás de mim só oiço os meus gemidos
E os soluços de tôda a criatura.*

*Quantas vezes me esqueço na alegria,
E quási não há sombra; é meio-dia:
Sinto o meu corpo e abraço os meus abraços!*

*Mas nem Deus a alegria me consente:
Vejo o fantasma, logo, à minha frente
E sou eu que lhe vou rasgando os passos.*

Do livro a sair «*Apoteose*»

EDGAR CARNEIRO

O «Breve Memorial»

do Padre Francisco de Araújo ou a primeira crónica, inédita e desconhecida, da acção da Companhia de Jesus em Portugal

Data de há poucos anos a crónica mais completa, imparcial e bem documentada da actividade da benemérita Companhia de Jesus em Portugal e províncias ultramarinas. Traçou-a o Rev. Padre Francisco Rodrigues (1). Do seu valor falam todos os que se debruçaram já sôbre essas páginas onde há muito que aprender, — e que deviam ser lidas e meditadas por todos aqueles que, de ânimo leve e sempre infundadamente, se referem em termos injustos à obra da *Societas Iesus*.

Vem de longe, porém, o impulso para a effectuação da grandiosa empreza de pôr em crónica os feitos da Companhia de Jesus em terras lusas. Assim, ao que sabemos, já em 1565, numa carta dirigida ao Provincial da Província Portuguesa, o secretário do Prepósito Geral ordenava que «se compusesse a história de cada um dos colégios com a narração dos seus princípios e dos sucessos mais notáveis, que se foram em sua acção desenvolvendo a bem dos próximos» (2).

Repetiram-se ordens semelhantes. Em 1573, o Geral Eve-

(1) *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Porto, 1931. Estão já publicados os dois vols. do Tomo 1.

(2) Biblioteca Nacional de Lisboa, ms. n.º 8558, fol. 9. Carta do Padre Polanco a Diogo Mirão, de 14-2-1565. (Cit. do P.º Francisco Rodrigues, *in obr. cit.*).

rardo Mercuriano instava com Jorge Serrão, ao tempo Provincial, para que fôsse feita a crónica de tôdas as casas da sua obediência, enviando essas crónicas, depois, a Roma (1).

Foi devido a tal insistência da parte dos Gerais da Companhia que se redigiram as monografias históricas de vários domicílios da Província em Portugal, monografias essas que foram remetidas para a cúria generalícia no ano de 1574. O Rev. Francisco Rodrigues, que vamos seguindo *pari passu* nesta breve introdução, logrou descobrir umas cinco dessas monografias, em diversos arquivos. São elas as seguintes:

1.^a — *Historia de la fundation del collegio de S. Anton de Lisboa hecha em Março de 1574* (Ms. S. J., Lus., 77, fol. 1-4).

2.^a — *Historia da fundaçam e progresso da Casa de Sam Roque... feita em Março de 1574 e revista, acrescentada e prosseguida em o fim de dezembro de 1587*. (Bibl. Nacional de Lisboa, ms. n.º 4491).

3.^a — *Historia de la fundation del collegio de Coimbra: hecha en hebrero de 1574*. (Ms. S. J., Lus., 84, fol. 17-19).

4.^a — *Historia de la fundacion y progreso del Collegio y Universidad de Evora, hecha en hebrero de 1574*. (Ms. S. J., Lus. 80, fol. 226-227).

5.^a — *Historia de la fundacion del collegio de Bragança, hecha en março de 1574*. (Ms. S. J., Lus. 79, fol. 492 e segs.).

*

* *

O primeiro padre que teve o encargo de escrever a crónica da Companhia de Jesus foi Alvaro Lôbo. Barbosa Machado diz que êle «...ainda que era de saude pouco robusta se applicou com disvelo a compor a Historia da Companhia desta

(1) Biblioteca Nacional de Madrid, ms. 8554, págs. 28. (Cit. do P.^o Francisco Rodrigues, *in obr. cit.*).

Provincia, á qual não lhe poz o dezejado fim interrompido pela morte, que o tresladou á melhor vida em Coimbra a 23. de Abril de 1608. com 57. annos de idade, e 42. de Religião» (1). Acrescenta aquelle bibliógrafo que a crónica se intitulava «... *Historia da Companhia da Provincia, de Portugal dividida em 12. Livros*, dos quaes deixou acabados 10. em que comprehendia dezasete annos desde a sua Fundação, da qual se aproveitou muito para a chronica da mesma Companhia o Padre Balthezar Telles...»

Assim aconteceu e o próprio P.^e Baltasar Teles o confessa, pois no *Prologo, e advertencias necessarias ao leitor* com que abre a sua obra (2), declara ingenuamente: «Vieram finalmente os superiores a me entregar esta occupação, quando eu menos o cuydava, por andar com pensamentos de Theologias, & nam com divertimentos de historias: acitei porém o que me mandavam, porque nam podia resistir, a quem devia obedecer; & por me nam succeder como aos outros, puz logo as mãos á obra, revolvi os papeis, que disto havia, & achey que o que nesta materia mais se tinha cançado, foy o Padre Alvaro Lobo da nossa Companhia, natural de Villa Real, homem douto, & muito erudito, de muita verdade, & sinceridade; o qual, além de hum doutissimo tratado de entrada das Religioens em Portugal, que deixou acabado, posto que sem o imprimir; tambem deixou começadas, & muy bem diligenciadas grandes noticias das cousas pertencentes a esta provincia...»

Ninguém teve a dita de encontrar, até hoje, a crónica do P.^e Alvaro Lôbo. Conservara-se, porém, a noticia duma outra crónica escrita pelo P.^e Francisco de Araújo, em grande parte também ainda traçada no séc. xvi. E' o mesmo P.^e Baltasar Teles que a ela se refere, na sua *Historia de Ethiopia a*

(1) *Bibliotheca Lusitana*, tomo 1, pág. 106.

(2) *Chronica da Companhia de IESV, na Provincia de Portugal...*, Lisboa, 1645.

Alta. . . (1). Ao dissertar sôbre a data certa em que S. Francisco Xavier desembarcou em Lisboa, antes de partir para as missões do Oriente, escreve aquele cronista: «Resta agora dar eu rezám de mim, & digo que me persuadi a que o Santo chegára a Lisboa em dezasete d'Abril, por assim o achar escrito em papeys antigos, feytos de letra de máam, entre outros q̄ tirey do Cartorio de Coimbra: & muyto em especial o conta assim o P. Francisco d'Araujo (pessoa de muyta verdade, & que por muytos annos conheceo, & tratou a o Padre M. Simam) no Memorial que fez da origem d'esta Provincia, capitulo terceyro. . . »

Esse *Memorial* do P.^e Francisco de Araújo — que é, pois, a primeira crónica da actividade da Companhia de Jesus em Portugal e seus domínios — não se perdeu, felizmente. Consegui encontrá-lo num manuscrito da preciosa colecção da Biblioteca da Universidade, — o códice n.^o 140. O erudito dr. Augusto Mendes Simões de Castro, ao catalogar êste códice, não suspeitou sequer do que se tratava. . . O acaso reservara-me esta surpresa, — para recompensa de tantas horas de canseiras e vigílias gastas na recolha de elementos de que os investigadores carecem de momento a momento, esquecendo-se, quási sempre, de quem desbravou o terreno, para que a sua caminhada fôsse menos penosa. . .

*

* *

Quem era o P.^e Francisco de Araújo?

São conhecidos os nomes dos seus pais — Sebastião Fernandes e Beatriz Domingues.

(1) *Historia de Ethiopia a Alta tirada da que mais largamente compoẽ na India o P.^e Manoel d'Almeida pelo P.^e Balthezar Tellez*. . . , livro 2.^o, cap. 3.^o, pág. 106 (Coimbra, 1660).

A 6 de Setembro de 1556, foi admitido no Colégio de Coimbra da Companhia de Jesus. Foi Mestre de Noviços nos Colégios de E'vora e Lisboa e Reitor de Santo Antão, Bragança e Ilha Terceira. «Teve animo sincero, génio humilde, e cordial affecto ao Patriarcha S. José,— diz Barbosa Machado (1) — não consentindo ouvir que no Ceo estivesse outro Santo mayor que elle. No mesmo dia, que tinha celebrado Missa, conhecendo ser chegada a ultima hora da sua vida pedio a Extrema-Unção, e tanto que lhe foy conferida, espirou piamente na Caza Professa de S. Roque a 18. de Dezembro de 1623. com mais de 83. annos de idade, e 66. de Companhia. Escreveo.

Fundação do Collegio de Santo Antão de Lisboa, onde relata a entrada, e principios da Companhia em Portugal, e dos primeiros Padres, que habitarão o dito Collegio. Dividido em dous livros, dos quaes em primeiro ficou acabado; e do segundo somente seis capitulos. . . ».

O P.^o António Franco, na sua obra *Synopsis Annalium* (2), diz que « . . . eminebat in illius dictis & factis antiqua bonitas, ac prudens sinceritas. Post hyperduliam cordi habuit divi Christi nutriti honorem. Secreti tenacissimum noverunt omnes. Agens socium Provincialis nec de rebus jam vulgatis, quæ ad gubernicim pertinebant, sermonem injecit, ne quis pronunciare posset, id se audivisse à socio Provincialis ». Noutro lugar, escreve o mesmo autor (3): « Nulli rei magis studuit, quam suæ conscientie puritati. Ob nullas rationes illud ageret, ex quo sibi posset oriri scrupulus. . . »

Varão tão douto e exornado de tão magnas virtudes, demais historiador consciencioso e prudente — como ao diante se verá

(1) *Bibliotheca Lusitana*, tomo II, pág. 110.

(2) *Synopsis Annalium Societatis Jesu in Lusitania ab Anno 1540 usque ad Annum 1725*. (Augustæ—Vindelicorum & Græcii, 1726), pág. 237.

(3) *Annus Gloriosus Societatis Jesu in Lusitania* (Viena de A'ustria, 1720), pág. 742.

e apreciará — bem merecia andar na lembrança daqueles que se devotam à causa da cultura e da erudição nacionais. Que este contributo para o monumento a erguer tenha, ao menos, o condão de despertar interêsse à roda da grande figura do P.^o Francisco de Araújo!

*

* * *

Duas palavras sôbre o manuscrito. . .

E' um pequeno códice, brochado em pergaminho flexível. Ao alto da capa, lançaram a nota: «*para* estar na Secretaria». No verso da mesma capa, vem este esclarecimento decisivo, importantíssimo para identificação do autor: «O P.^o francisco daraujo sendo *secretario* do p.^o *prouincial* foy fazendo Este memorial E tyrando-o de varios papeis E cartas do Cartorio.» Em letra diferente, vem, a seguir, esta outra nota: «Este livro me Vendeo Luis de Moraes com outros da livraria de Jose de Seabra.» Pela semelhança do traço, parece que esta nota é em letra da mão de Monsenhor Hasse. A ser assim, este ms. teria tido o n.^o 81 na sua colecção, — como se depreende através do n.^o que anda também no verso da capa (1).

O título completo do *Breve Memorial*, lançado na 1.^a fôlha do códice é o seguinte:

«IHS. Breue Memorial desta Prouin|cia da Comp.^a de IESV
de Portugal|E Prouinciaes dela E dalguas cou|sas mays nota-
ueys que em seu tem|po aconteceram E dalgús Padres|ou Irmaós
dinos de memoria|E histo a modo de hũa|breue cronica ou
suma|rio guardando a ordē|dos tempos quan|to for possi|vel.»

Notas lançadas na mesma fôlha: «A do p.^o Alu.^o Lobo. Vaz

(1) Como é sabido, a livraria de Monsenhor Hasse foi adquirida para a Biblioteca da Universidade, em princípios do século passado. A sua colecção de manuscritos era deveras importante, contendo muitos e importantes documentos para o estudo da história e da literatura nacionais.

mays pp^a E extensa, Isto erã sométe a pontamétos breues
q̄ podiam ajudar adiante. | Podese cōtinuar por centurias p^a
lembrança aos uindouros. s. de cem Em cem anos.»

Segue-se o primeiro capítulo. Depois, o resto da crónica . . .
Coimbra, Novembro de 1935.

ANTÓNIO CRUZ
Aluno de Ciências Históricas

(*Continua*)



H u m o r i s m o

A tirania dos números

Quando Gulliver, no país de Liliput, é cômicamente aprisionado enquanto dorme, são-lhe apreendidos vários objetos descomunais — e, entre êles, um relógio.

O relógio, transportado a custo, aos ombros, por dois homens, é considerado, com terror, pelos liliputianos, como sendo o deus de Gulliver — por isso que êle dissera que não praticava nenhum ato sem o consultar.

Como sempre, na prosa de Swift, debaixo da fantasia transbordante, está a realidade mais estrita. E, assim, se o relógio não é, de facto, o nosso deus — êle é, muitas vezes, o nosso tirano.

Quem ainda não olhou para um deles, com raiva — contando os segundos, os minutos, as horas — vendo na sua marcha vagarosa uma ironia consciente?

Quem não olhou ainda para êle, com terror — sentindo aproximar-se o instante fatal em que a nossa sorte se decide?

E como êle é objectivo e sério!

A sua fleuma ultra-britânica a nada se comove. Diz ao criminoso: «Tens ainda tempo de fugir...» Diz ao moribundo: «Prepara-te, que vais morrer...»

E quando a respiração se nos apressa, na febre de chegar a tempo a qualquer parte, êle marca, imperturbável, os minutos e os segundos: «Faltam cinco; falta só um... já passa!»



Quantas pessoas vivem a sonhar com a sorte grande! E — se isso, por um lado, é um entretenimento que lhes permite passar a vida sem a sentirem — é, por outro lado, a origem de constantes desilusões.

E os palpites? E' talvez o 00999, o 54321, o 1943... eu sei lá! Cálculos mirabolantes, em que os números dansam uma dança alucinadora, em que os biliões são pouca coisa e os milhões quási nada...

Quem os não tem feito? Desde Mofina Mendes (ou talvez desde Eva) que a Humanidade é assim...



E a roleta, a batota, todos os jogos de azar — em que os números são entes fantásticos, duendes, que obedecem a uma divindade suprema: a Sorte?

Quantos e quantos suicídios o 1, o 8, o 7 e os companheiros têm provocado!

Mal calculava o bom do Galileo Galilei para que serviria, aos homens civilizados do século xx, o método quantitativo!



Quando nascemos, vão registar-nos no Registo Civil. E aí estamos classificados, ordenados — oficializados. Depois, pela vida fóra, temos o nosso bilhete de identidade: o 50939 ou o 444.

Se queremos possuir um automóvel, registamo-lo: é o

S 39998 ou o N 17494. Os nossos relógios, os nossos óculos — tudo tem número. Cada um de nós usa sapatos n.º..., camisas n.º..., chapéu n.º...

E assim sucessivamente...



Queremos ir ao teatro? Pois bem! Escolhamos um bom lugar: na 12ª fila, n.º 1.

Os bilhetes dos comboios e dos elétricos também são numerados.

Se precisamos de telefonar para alguém, procuramos na lista o número do seu telefone.

Na América do Norte (onde tudo tem número) também as ruas os têm. Um «gangster» célebre foi considerado oficialmente o «inimigo n.º 1 dos Estados Unidos»...



E, finalmente, só falta numerar a Natureza: pôr um número, afixar um carimbo, em cada rocha, em cada árvore, em cada erva, em cada animal.

Mas agora me lembro: as nossas estradas estão quilometradas — e a Geografia determina-nos as coordenadas, em latitude, longitude e altitude, de qualquer ponto do globo terrestre.

Decididamente... fujo para os astros! Mas (ai de mim!) já os astrónomos catalogaram, classificaram e numeraram todas as montanhas da Lua, os mares de Marte, os satélites de Júpiter, os anéis de Saturno...

Enfim... em parte alguma estou seguro, ao abrigo do furor numerizante que ataca a Humanidade de hoje.

«Todo o Universo é um livro escrito em números».



Oh! A sublime beleza das matemáticas!

PERSIL.

A bala de Júlio Verne

O Século xx, o maravilhoso século do Rádio e da Televisão, em que temos a honra de vivêr, tendo visto a realização de algumas das mais arrojadas, de algumas das mais estranhas concepções do grande fantasista visionário que foi Júlio Verne, não pode ainda, apesar de todos os esforços envidados nêsse sentido, mostrar-nos aquela que foi porventura a mais arrojada das suas concepções. Na realidade, apesar de todos os esforços, de tôdas as boas vontades e até mesmo de tôdas as ambições do Homem por explorar os planetas vizinhos, não lhe tem sido possível fazê-lo e o problêma das viagens intra-planetárias permanece insolúvel. Quer sob o aspecto fantasiado pelo imortal escritor, quer sob qualquer outro, o Homem não pode ainda assenhorear-se do nosso Satélite, dilatar o seu domínio aos terrenos inexplorados dessa lendária Lua, variável como o amôr no dizêr do poeta, mentirosa como as mulheres no dizêr do povo e que mostrando-nos sempre a mesma face, nos provoca com o seu mistério, parecendo desafiar-nos a procurar-lhe a outra, aquela que com tantos cuidados e tanta constância nos esconde.

A fantástica viagem de Miguel Ardan, Barbicane e Nicholson, tem contudo sido objecto de locubrações várias, quer por parte daqueles que procuram por êsse processo solucionar na prática o problema, quer por parte daqueles que procuram nêle, apenas um campo para especulações teóricas. No grupo dos primeiros poderemos contar os idealizadores dos foguêtes inter-planetários — quási tão teóricos por enquanto como a fantasista bala de Verne — como no grupo dos segundos poderemos contar alguns dos modernos físicos relativistas.

Quem tiver lido a popular obra *Á roda da Lua* do citado autor, sabe como êle idealizou que uma bala enorme, lançada por um monstruoso canhão seria projectada sobre a Lua, a

qual não seria atingida em virtude de um êrro de pontaria; êste projectil-comboio descreveria uma rotação em volta da Lua e a explosão de foguêtes colocados na sua base e provocada pelos seus tripulantes teria como efeito o regresso da bala à Terra.

Bastante conhecido mesmo de quem não tenha um conhecimento íntimo do livro, é o episódio em que os passageiros da bala notam subitâneamente a supressão completa de tôda a gravidade aparente. Diz-nos Verne então pela bôca de Barbicane que isso se deve ao facto daquela se encontrar na região em que os campos de gravitação Terrestre e Lunar temem o mesmo valor. E' a chamada «zôna neutra».

Curiosas cênas se manifestam então em virtude da perda do pêso das coisas: um indivíduo que dá um salto fica no ar, o leite duma garrafa não sai, mas sacudida esta com fôrça êle é expellido ficando suspenso no espaço sob o aspecto de grandes gotas esféricas e várias outras que dão a nota alacre do momento.

O realizador alemão de cinema Fritz Lang, ao dar-nos o seu film *A mulher na Lua* tomou um argumento para onde foi decalcada a viagem de que até aqui tenho falado, repetindo-nos inconscientemente a gafe que foi um dos grandes deslises do illustre escritôr, embora tenha sido para Lang um êrro providencial, pois que a verdade como vamos ver tiraria ao film tôdo, ou quási tôdo o seu interêsse, tornando-o numa coisa insípida e quási a bem dizer desprovida de atractivos.

*

* *

Vejamos agora em que consiste e êrro a que me referi e mostremos que de um êrro se trata na realidade.

Para maior comodidade de raciocínio, imaginemos então que a bala seja lançada verticalmente de baixo para cima, e desprezem a acção correspondente à rotação da terra.

Acionada por uma força — a explosão da carga de pólvoras que tinha na sua base — que poderá sêr considerada para o nosso fim, como instantânea, seguiria pelo espaço com movimento rectilíneo e uniforme se não houvesse forças exteriores a actuar sobre ela. Porém, não é este o caso e não contando com a resistência do ar que desprezaremos, apesar de considerável para a grande velocidade de que a bala irá animada, temos contudo de contar com a acção retardadora da atracção da Terra e o movimento do projectil será assim uniformemente retardado, tendo na hipótese de Verne uma velocidade nula ao ultrapassar a «zona neutra». Representamos por $-\gamma$ essa aceleração. Imaginemos agora que um observador no interior da bala, está colocado sobre a plataforma de péso desprezível dum dinamómetro. Seja ρ o seu péso real.

Uma vez disparado o projectil, o observador está como sempre sujeito ao seu péso real ρ . Por outro lado repousa sobre a plataforma do dinamómetro e apoia-se sobre ela. Reciprocamente, a plataforma do dinamómetro exerce sob os seus pés uma impulsão $-\pi$ dirigida de baixo para cima e portanto no sentido do movimento; será evidentemente $+\pi$ o péso aparente do observador.

Estas duas forças $\sqrt{}$ $-\pi$ são as duas únicas forças applicadas ao nosso homem e não são iguais, porque se o fôsem ou êle estaria em repouso ou estaria animado de um movimento rectilíneo e uniforme em virtude do princípio da inércia, não sendo nenhuma destas duas hipóteses verdadeiras pois que como vimos a bala com todo o seu conteúdo segue com movimento uniformemente retardado. Uma vez que o movimento é ascencional é porque a impulsão é em valor absoluto superior ao péso do observador e êste sobe com a aceleração $-\gamma$ sob o efeito da diferença destas duas forças.

Nós poderemos portanto escrever

$$\pi - \rho = -m\gamma$$

ou ainda visto que a massa do observador colocado no estrado do dinamómetro é $m = \frac{\rho}{g}$

$$\pi - \rho = -\rho \frac{\gamma}{g}$$

donde se tira

$$\pi = \rho \left(1 - \frac{\gamma}{g} \right)$$

para expressão do seu pêso aparente.

Como o valor absoluto da aceleração γ do movimento é justamente, por termos desprezado tôdas as outras acções, igual a g , nós temos que dêse o início do movimento o pêso aparente do observador será

$$\pi = 0$$

o que quer dizer que tôda a gravidade aparente será anulada no interior da bala durante a viagem e não apenas como pensava o escritor francês ao passar a «zôna neutra». Dêste modo os fenómenos que êle nos conta e que Fritz Lang nos mostrou como tendo lugar nessa região do espaço terão lugar durante todo o trajecto da bala.

A estas conclusões chegamos nós como se vê, desprezando a resistência do ar, o que corresponde à hipótese mais favorável a Verne.

Se quisermos contudo ser mais rigorosos, deveremos notar que, sendo a resistência do ar μ , para a grande velocidade a imprimir à bala, proporcional ao quadrado da sua velocidade

$$\mu = k v^2$$

a aceleração $-\gamma$ terá em valôr absoluto um valôr maior que o valôr da gravidade

$$\gamma > g$$

Que sucederá então se, com mais exactidão, entrarmos em linha de conta com a acção retardadora provocada pela resistência do ar? A resposta é simples.

A fórmula que anteriormente deduzimos para o pêso aparente transformar-se-há em

$$\pi = \rho \left(1 - \frac{\gamma}{g} \right) = -x$$

isto é: o pêso aparente será negativo até que a bala abandone a atmosfera e visto que a densidade desta irá diminuindo até zero, diminuindo com ela o valôr da resistência, acontece que só então teremos $\gamma = g$ e portanto

$$\pi = 0$$

Vejam os agora o que se passaria enquanto a bala não abandonasse a atmosfera. Sendo o pêso aparente das coisas negativo, a explosão ao provocar o movimento do projectil, projectará todo o seu conteúdo sôbre a parte superior e o nosso observador teria a sensação de que, tecto e sobrado se haviam invertido. Pouco a pouco êle sentir-se-ia porém perder o pêso, até que, ultrapassada a atmosfera, movendo-se portanto a bala no vazio, êle se sentiria como que flutuando num fluido com a sua densidade e por isso mesmo, subindo ou descendo conforme os seus movimentos representassem fôrças num sentido ou noutro. Passada a «zôna neutra» o movimento da bala seria uniformemente acelerado com a aceleração correspondente à gravidade Lunar e êste fenómeno subsistiria considerando que, como se crê a Lua não tenha atmosfera. Aqui temos portanto, mais correctamente, em que consistiu o duplo êrro de Júlio Verne que Lang repetiu.

*

* *

Não deixará agora de ser interessante ver como o estudo desta questão pode levar Einstein ao estabelecimento da sua Teoria da Relatividade Generalizada. Admitindo, na impossibilidade de encontrar um sistema de referência relativamente ao qual as Leis Físicas se apresentassem com maior simplicidade que para qualquer outro, que a expressão destas Leis é a mesma para todos os referenciais de Galileu, estabeleceu Einstein o seu princípio da relatividade restrita, que o levou à conclusão de que a energia tem inércia e a massa dum corpo muda com a sua energia interna. Sendo assim, o pêso deve mudar exactamente na mesma relação o que nos mostra que *se a energia é inerte, ela deve ser ao mesmo tempo pesada*. Isto lhe permitiu explicar certos fenómenos até então inexplicados, como a razão dos pequenos afastamentos à Lei de Proust, que a outra coisa não correspondem a seu vêr que à variação da energia interna durante a formação dos átomos. Razoável é que êle admitisse como fez, que comportando-se a energia radiante como inerte ela se deve comportar também como pesada e ser portanto desviada por um campo de gravitação. Encontrando-se assim os fenómenos luminosos — a luz é uma das formas da energia radiante — relacionados com a gravitação, Einstein deduz que para observadores ligados à Terra a luz se não deve deslocar em linha recta, como um móvel abandonado a si mesmo a não segue, pois que uma e outro são desviados pelo campo da gravidade.

O campo de gravidade aparece-nos pois como a causa comum dos afastamentos às leis da relatividade restrita para um *Universo euclidiano*, estendendo-se como tal um Universo em que uma infinidade de referenciais animados de movimentos de translação em relação uns aos outros vejam satisfeitos para cada um dêles os postulados da propagação isotrópica da luz, da medida óptica do tempo (cronómetro de Langevin)

e as Leis do Electromagnetismo. Ora se o Universo real não satisfaz a estas condições, pelo menos para um referencial ligado à Terra, pode contudo satisfazê-los para com sistema com um movimento conveniente em relação à Terra e ser portanto aí euclidiano. Uma solução do problema é-nos dada completamente como vamos vêr pela bala de Júlio Verne.

Retomemos com efeito a nossa bala, lançada verticalmente e sem rotação de baixo para cima e desprezemos a resistência do ar. No seu interior, como vimos, a gravidade aparente é anulada e como vamos vêr o Universo aí é euclidiano. Na realidade um móvel abandonado a si mesmo segue a linha recta; para os observadores interiores não há alto nem baixo e nenhum esforço se torna necessário para manter um corpo livre imóvel relativamente às paredes. Para um referencial ligado portanto à bala de Júlio Verne a gravidade é anulada, um móvel livre segue o movimento rectilíneo e uniforme e é portanto razoável admitir que a luz se propague igualmente em linha recta, isto é admitir que tal Universo é euclidiano. O emprêgo dêste sistema de referência permite-nos portanto suprimir o campo de gravitação. Inversamente se êste sistema de referência, animado de um movimento uniformemente variado em relação à Terra, permite fazer desaparecer o campo de gravitação, o emprêgo dum sistema de referência em movimento qualquer é exactamente equivalente à introdução de um campo de gravitação distribuído convenientemente.

Na realidade retomemos a nossa bala mas no seu percurso a dentro da atmosfera, ou seja quando a sua aceleração é superior em valor absoluto à da queda livre. Nós vimos que os objectos seguirão o movimento da bala mas sendo submetidos da parte desta a uma impulsão conveniente. Eles serão apertados contra a sua parede, verão inverter-se o alto e o baixo e julgar-se-ão em repouso num campo de gravitação proporcional à aceleração correspondente à resistência atmosférica. Há portanto equivalência como diz Einstein entre um

campo de gravitação uniforme e uma aceleração de conjunto do sistema de referência. Êle vai agora mais longe e generaliza esta conclusão para o caso dum movimento qualquer do referencial substituindo o campo de gravitação uniforme por um campo de gravitação convenientemente distribuido o que o conduz ao enunciado seguinte:

com a condição de introduzir um campo de gravitação convenientemente distribuido, é possível enunciar as Leis da Física sob uma forma completamente independente do referencial adoptado.

Assim se o sistema de referência tiver por exemplo um movimento de rotação, tudo se passa como se êle estivesse em translação e comportasse um campo de gravitação distribuido como a fôrça centrífuga.

O enunciado acima constitue o tão discutido e hoje quasi geralmente aceite Princípio da Relatividade Generalizada, que decerto immortalizará o seu autor.

*

* *

Algumas considerações mais se poderiam fazer a êste respeito, mas o desejo de não maçar mais, aquêles que tenham tido a paciência de lêr até ao fim o meu incómodo arrazoado, leva-me a ficar por aqui, restando-me tão sòmente agradecer-lhes que tenham tido tal paciência.

Coimbra, Novembro de 1935

DÂMASO JOSÉ DA SILVA GOMES
Licenciado em Ciências Físico-Químicas

CASA TRANSMONTANA

TABACARIA
PAPELARIA
JORNALIS E
REVISTAS

PERFUMARIAS NACIONAIS E ESTRANGEIRA

SECÇÃO DE ARTIGOS
FOTOGRAFICOS,
POSTAIS ILUSTRADOS

JOSÉ F. ANDRADE

R. CANDIDO DOS REIS — 26 (ALTA)

COIMBRA

LIVRARIA CUNHA

FUNDADA EM 1907

LIVROS PORTUGUESES
E ESTRANGEIROS:
NOVOS E USADOS
ESCOLARES, DE CIÊNCIAS,
LITERATURA, ARTE, ETC.

REVISTAS,
FIGURINOS,
MÚSICAS

PAPELARIA
TABACOS E
LOTARIAS

150, RUA FERREIRA BORGES, 152

COIMBRA

TELEFONE 293

FARMÁCIA

ARMÉNIO FERREIRA

FARMACEUTICO QUÍMICO PELA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DERMINOTYOL
REMÉDIO EFICAZ

PARA CURAR ECZEMAS,
HERPES, INFECCÕES DA
BARBA E COURO CABE-
LUDO, IMPIGENS E OU-
TRAS DOENÇAS DA PELE

RUA FERNANDES TOMAZ, 2-4

COIMBRA

LIVRARIA ATLANTIDA

RUA FERREIRA BORGES, 103-111

COIMBRA

TELEFONE N.º 215

SERVIÇO RÁPIDO
DE ENCOMENDAS

LIVROS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

TIPOGRAFIA E
ENCADERNAÇÃO

ACADÉMICA EDITORA

RUA CANDIDO DOS REIS, 6 a 12

COIMBRA

TELEFONE 939

ARTIGOS ESCOLARES
LIVROS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS
PARA TODAS AS FA-
CULTADES E CURSOS

COMPRA E VENDE:
LIVROS USADOS, RA-
RIDADES BIBLIOGRA-
FICAS, TRATADOS DE
A N A T O M I A

CASA DO CASTELO

L I V R A R I A
P A P E L A R I A
A R T I G O S
R E L I G I O S O S



Rua dos Estudos, 43 a 47
Marco da Feira, 13 a 15

TELEFONE 239

COIMBRA
PORTUGAL

Fotografia Académica

DE

Alvaro da Silva e Sousa

RUA DE S. PEDRO
Próximo à Universidade

ATELIER DE 1.^a ORDEM
RETRATOS ESBOÇOS
AMPLIAÇÕES EM TODOS
OS FORMATOS. RETRA-
TOS EM ESMALTE
VISTAS DE COIMBRA
RETRATOS DE ARTE

Premiada com medalhas de ouro na IV
Exposição das Beiras e Coimbra, 1932

LIVRARIA NEVES

EDITORA

Alvaro da Silva Neves

TELEFONE 326

A R T I G O S D E
D E S E N H O
P A P E L A R I A
E S C R I T Ó R I O
T A B A C A R I A
F O T O G R A F I A

LIVROS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

44, RUA CANDIDO DOS REIS, 48

COIMBRA

Farmácia do Castelo

MOBILIÁRIO
CIRÚRGICO
INSTRUMENTOS
DE CIRURGIA
ELECTRICIDADE
MÉDICA
MECANOTERAPIA



LARGO DO CASTELO
C O I M B R A

Laboratório "Coimbra,,

PRODUTOS
ESTERILIZADOS
ANÁLISES
CLÍNICAS
VACINAS



RUA FERREIRA BORGES, 145
C O I M B R A

COLÉGIO PROGRESSO
APROVADO OFICIALMENTE

CURSO GERAL DOS
LICEUS, ADMISSÃO À
UNIVERSIDADE E LICEUS

CORPO DOCENTE ÓTIMO
PREÇOS MÓDICOS AO AL-
CANCE DOS QUE TÊM
POUCOS RECURSOS

O COLÉGIO QUE MELHO-
RES RESULTADOS TEM
OBTIDO NOS EXAMES
: : : : FINAIS : : : :

25 — RUA DOS COUTINHOS — 29
C O I M B R A

EXPLICADOR

LECCIONA
DISCIPLINAS
DE LETRAS
DO CURSO
DOS LICEUS



LARGO DA FORNALHINHA — 19
C O I M B R A

LABORATÓRIO
DO
DR. MATTOS BEJA

ANÁLISES CLÍNICAS
E VACINAS

R. FERREIRA BORGES, 9-2.º

C O I M B R A

COIMBRA EDITORA

LIVROS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

E N C O M E N -
D A S R A P I D A S

R U A F E R R E I R A B O R G E S

C O I M B R A



REVISTA DE CULTU

AGORA

RA UNIVERSITARIA

ANO I

N.º 2



C O I M B R A

J A N E I R O • M C M X X X V I

DIRECTOR: *JOSÉ LEOPOLDO LOPES DE NEIVA*
RED. PRINCIPAL: *ABÍLIO ANTUNES PEREIRA DA SILVA*
EDITOR E ADMINISTRAD.: *JOSÉ MENDES DA FONSECA*

Redacção e Administração: Largo da Fornalhinha, 19 — COIMBRA

S U M Á R I O

«EM COIMBRA NÃO HÁ ESTUDANTES . . . HÁ ESCOLARES»	— <i>José Neiva</i>
VISÃO PAGã	— <i>Manuel Barbosa</i>
ENSAIO SOBRE O FUTURISMO POÉTICO EM PORTUGAL	— <i>Pereira da Silva</i>
«A MULHER NA LUA»	— <i>Redondo Júnior</i>
A FILOSOFIA DOS ANIMAIS	— <i>Persil</i>
O «BREVE MEMORIAL» (Continuação)	— <i>António Cruz</i>
TRÊS SENTIMENTOS	— <i>José Neiva</i>
APRECIACõES	
PUBLICACõES RECEBIDAS	— <i>A Redacção</i>
PENSAMENTOS	

PREÇO: ASSINATURA (3 NÚMEROS)	6\$00
NÚMERO AVULSO	2\$50

Não desejando a assinatura, pede-se a devolução do exemplar

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Á G O R A

REVISTA DE CULTURA UNIVERSITARIA

«Em Coimbra não há estudantes . . . há escolares»

(Dr. Joaquim de Carvalho)

Mas então o que é um estudante?

Um pensador espanhol, muito conhecido no mundo do direito, responderia, baseando-se em Goethe: «*um estudante é o que realiza um esforço constante*». E', diremos nós, o ideal da educação, ou, sintetizando, *o estudante é um homem*.

O estudante encarna, por natureza, em tôda a sua amplitude, a aspiração para a humanidade perfeita, para a personalidade cultural. Se considerarmos a cultura uma aspiração incessante, infinito que busca infinito, essa aspiração que o estudante realiza é a propria essência da cultura. O estudante é, conseqüentemente, como personalidade em formação, o símbolo mais perfeito da cultura em geral, o creador incessante de mónadas de valores.

Se a finalidade das escolas superiores é o cultivo da personalidade (quer em função de si própria, quer em função do grupo: família, nação, humanidade, pouco importa), o estudante deveria corresponder plenamente a essa finalidade.

Os factos afirmam-nos o contrário. Porquê?

Para responder a esta pergunta, duas coisas são necessárias. Antes de mais nada, sintetizar o que deveria ser e fazer o *estudante*, e, em seguida, aproximar êsse «dever ser» do que «é» o escolar coimbrão.

E' logar comum, e creio ninguem o pretende contestar, que a exigência primária da formação duma personalidade é, antes de mais, *cimento ético*, para usar uma expressão de Lacambra. A juventude, «essa sublime obra de arte pura e sem mácula», deve encontrar no ambiente em que se desenvolver «estofo ético».

Mas o que devemos entender aqui por estôfo ético?

Será um conjunto de normas rígidas e inflexíveis, de dogmas, sejam êles religiosos, políticos ou morais? Não. O jovem necessita, porque é homem, crear para si *deveres e direitos* e sentir depois, como consequência lógica, *responsabilidades*.

Um verdadeiro estudante deveria encontrar no ambiente universitário em que vive as ocasiões mais flagrantes, as situações mais imperiosas, para que, amanhã, quando entrar na vida como homem, vá «*um animal político por natureza*», *animal com direitos e deveres*, que êle creou por si e para si.

Mas, para atingir o ideal da cultura, não basta a formação moral. E' necessário, depois disso, olhar com carinhosa atenção a *arte* e a *ciência*. Ora o ensino é especializado. Lógicamente, a maior parte do seu tempo deve-a o estudante aplicar ao estudo da própria especialidade. Mas o pormenor e a estabilidade fatigam o espirito do jovem, por natureza, irrequieto e ávido de horizontes novos. Êle tem necessidade de respirar ares estranhos, quanto mais não seja, para estabelecer um contraste e arranjar mais amor pela profissão que abraçou. E, como o que êle quer é vida, e a vida é essencialmente movimento, repugna-lhe qualquer possibilidade de fossilização.

Um terceiro ponto de vista a atender, e não de pouca

importância no momento social que atravessamos, é o da cultura material. O estudante necessita adquirir hábitos com que possa amanhã agir no seu ambiente vital.

Necessita duma saúde normal, duma regular vida sexual, dum tacto económico (tão necessário na grave crise de *penúria* em que vivemos) e duma *ciência de convívio*.

Sintetizando, o estudante é:

1.º) um indivíduo *moralmente* constituído.

2.º) um indivíduo científica e artisticamente *sensível*.

3.º) um indivíduo *capaz* física, económica e socialmente.

Corresponde o académico de Coimbra a êstes requisitos? Não. Quão longe estamos desse ideal de perfectibilidade!

Essa «alma gótica» no simbolista e bom sentido da palavra de que nos fala Sauer, não pulsa na vida académica de Coimbra.

E... porquê? Culpa dos métodos para atingir o fim?

Culpa da matéria prima a formar?

Em resposta a estas duas interrogações, uma série de perguntas:

O estudante necessita de ambiente onde se forme o seu fundo ético; cria o meio universitário, em que vivemos, situações, circunstâncias em que se possa temperar uma personalidade. Não!

O estudante necessita de amar as artes e as letras; cria o ambiente universitário êsse amor? Não!

O estudante necessita viver em condições materiais que lhe permitam assegurar a saúde e a felicidade; — facilita a Universidade essas condições? Não!

Porquê?

A alma ingénua do «caloiro» cheio de ilusões e tantas vezes com possibilidades chega a Coimbra. Olha e respira o primeiro ar universitário. A troça farçante dos companheiros mais adeantados, a situação onnipotente, aos seus olhos cãndidos, do lente, o ar burocraticamente arripiante das secreta-

rias, os horários e as faltas, as aulas e os recreios, podem crear nêlo aquele estôfo moral que necessitava e que amanhã lhe exigem? Creio que não!

O pormenor horrível com que depois lhe cansam o pobre cérebro afeito às generalidades dum curso secundário pode fazer surgir nêlo o amor e o interêsse pelo estudo? Creio que não!

E, quando põe deante de si o problema de «*onde passar o tempo*» — evita o meio universitário, com os recursos que podia e devia ter ao seu alcance, que o pobre académico vá gastar o corpo nas prostitutas, ou vá consumir a magra mesada nas mesas dos cafés? Creio que não!

E porque a Universidade se alheia completamente do académico, o despreza com modos de quem lhe dá compassivamente a «*esmola da educação*»: Coimbra não tem estudantes... tem escolares.

E, porque a culpa não é nossa, dirigimo-nos a quem pode ainda dar a Coimbra «*uma geração de estudantes*». Dirigimo-nos à Universidade e dirigimo-nos à Associação Académica.

A' primeira pedimos que, aproveitando os recursos que tem à sua mão, empregando mais tenazmente tantas boas vontades que possui, crie ou ajude a criar um ambiente cultural em que possamos *viver*!

A' segunda rogamos, secunde o nosso grito, e que com as suas forças de organismo académico, ajude também a criação desse ambiente que tão necessário se está tornando. Renove-se o oxigénio que se abafa!

Promovam-se conferências que façam sentir ao académico a grande beleza do trabalho cultural. Chamem-se, acarinhem-se aqueles rapazes que pelas suas qualidades, e conseguindo reagir ao ambiente, são capazes de fazer alguma coisa.

Ajudem-se as iniciativas académicas afagando-as e encorajando-as e não rindo duma fraqueza ou olhando-as como utopias.

Promovam-se serões de arte, promovam-se convívios, promovam-se exposições. *Viva-se* numa palavra!

Evite-se que a Universidade seja uma grande fábrica de introvertidos ou de libertinos. Introvertidos porque indivíduos há que pela natureza do seu temperamento se recolhem em si próprios, passam a viver uma vida tãda interior, olhando como quem não comprehende o homem, seu irmão; libertinos porque outros, possuidores duns sentidos mais exaltados, procuraram no ambiente em que formam a sua juventude, o prazer dum sensualismo doentio.

Se o meio universitário curasse mais do acadêmico, despertando-lhe nêle o amor e o interesse pelo estudo, proporcionando-lhe distraçções em que o espírito e o corpo lucrassem em harmonia e equilibrio, evitando assim a freqüência excessiva dos lupanares e do café, se a Universidade *vivesse*, estamos certos que «*em Coimbra haveria estudantes*».

Não os há. De acordo. Simplesmente a culpa não é nossa.

JOSÉ NEIVA

VISÃO PAGÃ

Nu
Surgiu,
Qual sereia,
Na lisa praia,
O teu corpo helénico,
De ofuscante beleza,
Como o astro-rei que, ao nascer,
Transforma a neblina em cristal.
Quanto ritmo em teus passos havia,
Como enleavam teus gentís meneios,
Que radiosa auréola te inundava a frente!
Teu ventre era uma ideal magnólia alabastrina,
Grande e lacteo, como Lua cheia em céu de opala,
Sublime e puro, como lâmpada divina . . .
Deliciosos frutos, sob o colo insonte,
Sazonados, pendiam os teus seios . . .
O fulgor apolíneo do dia
Foi mais lustroso e virginal
No momento de envolver
A infinita pureza
Dêsse lírio edénico,
De alva cambraia,
Que na areia
Floriu:
Tu!

MANUEL BARBOSA.

Ensaio sôbre o futurismo poético em Portugal

Se definirmos o «futurismo» como «a arte de não ter arte» — verificaremos que são apenas futuristas aqueles pobres diabos que não sabem alinhavar duas linhas. Marinetti, Pirandello, Guido da Verona — os chefes da escola — são, todos êles, grandes artistas. Diz-se (e com razão) que o criador deve ser sincero, espontâneo, natural; mas, para isso, é preciso ter Arte; é preciso *encontrar* a sinceridade, a espontaneidade, a naturalidade.

Entre o abalo emotivo inicial e a criação há um tempo de elaboração — a que, em Psicologia, se chama «tempo de reacção». Esse período, variável de indivíduo para indivíduo, corresponde ao «factor pessoal» de cada um — e é aquilo que há de mais subjectivo no fenómeno da criação, literária ou científica.

Portanto, é psicologicamente impossível suprimir a influência do *eu* objeto — o *moi* dos franceses. Se o indivíduo é, de facto, artista, vai buscar, por vezes laboriosamente, a sensação primitiva — que é sempre mais fácil e mais pura que a elaborada. E' conhecido o preconceito em favor das «primeiras impressões».

Conclui-se daqui que a frase «arte de não ter arte» é sòmente a expressão infeliz dum paradoxo, que não é apenas verbal: envolve uma contradição intrínseca de conceitos («arte» nunca poderá ser, em Lógica, igual a «não-arte» — que é a sua classe complementar).

Dir-me-ão, porém, que um verdadeiro poeta não necessita dessa longa tarefa de «investigação interior», de auto-análise: as rimas saiem-lhe espontâneas, felizes, sem um esforço que não seja o da própria *inspiração*.

A resposta é singularmente fácil: se alguma vez isso se

deu (e «Chatterton» aí está, para mostrar a tortura da forma, que dilacera a alma de todo o poeta) não foi certamente entre os apóstolos do futurismo. Aí, quando a poesia é cantante, ingénua e de vibração harmónica, há sempre um trabalho subtil — que revela mais o cérebro que o temperamento. A inteligência intervém, para disciplinar o verso, evitando a confusão e o embaraço da inspiração criadora. E, se não intervém a inteligência (ou porque o poeta a não tem, ou porque não está para dispendê-la), aparece-nos somente o capricho — e a poesia resulta vaga, irreal, absurda (sem que ninguém a compreenda — nem o próprio autor).

Exemplo do primeiro «tipo» é a seguinte quadra de António Pedro:

*Destroçaram-te as procelas
do mar irado a bramir,
ou foi apenas sonhado
o teu Alcácer-Kibir? . . .*

Aquele «Alcácer-Kibir», significando *derrota* (e aplicado a um navio), não exigirá — além duma certa cultura histórica — uma capacidade de abstracção que não se encontra no simples troveiro medieval?

E, no entanto, a rima é natural e fácil — sugere-nos até o embalar dum berço ou o marulhar das ondas.

Do segundo «tipo» (poesia incompreensível) temos o «Rondel do Alemtejo», de José d'Almada Negreiros:

*Em minaréte
mâte
bate
leve
verde neve
minuette
de luar*

.

*Laçarote
escarlata
de cócote
alegria
de Maria
la-ri-late
em folia
de luar.*

.
*Em minarête
mâte
bate
leve
verde neve
minuette
de luar.*

De duas uma : ou o poeta sentiu o que escreveu — e é um anormal ; ou não sentiu — e não é poeta.

Mas há outro género de poesia — que, sem ser humorística, provoca frouxos de riso. E' a dos *artistas* que armam em *filósofos* — e são os «incompreendidos».

Desta classe de poesias (?), é padrão a «Xácara do Infinito», de Mário Saa :

.
*A sensação da Materia
é não ser tudo o que falta :
que quem o é já não salta
por sobre a propria Materia ;
de quem o é . . . não é quem,
porque quem é ser alguém,
individuo é ser dividido,
— dividido o aqui do além !*

*A parte que em nós não sente
arvorou no consciente
a sensação do ser gente
e a da coisa inconsciente!*

*D'este tudo e d'este nada
nasceu a forte razão
que separa o sim do não
e os valores de tudo e nada!*

Se ser poeta é ser obscuro, teremos atingido, aqui, a essência da poesia.

Palavra de honra que não percebi nada! Quem perceber, que explique...

Há alguns «poetas» que pensam fazer poesia escrevendo prosaicamente juízos e reflexões sem qualquer ligação lógica, pelo menos aparente: é o caso da *poesia* «Addiamento», de Alvaro de Campos e do «Diário», de Antonio Pedro. Vejamos o final dêste último (8.º):

*Amanhã ?
Eu sei o horário !,
o horário é sempre igual a todos os horários,
o diabo é o resto :
— depois ! —*

Bolas, sr. António Pedro; bolas, se isto é poesia!

O futurismo, que nestes pseudo-poetas é apenas originalidade de mau-gosto, pode ser (e tem-o sido, em tôdas as épocas do Mundo) a guarda avançada do pensamento. Considerando assim o futurismo, poderemos dizer que Dante,

Miguel Angelo, Shakespeare, Rabelais, Hugo, Richepin — foram futuristas.

Mas êsse futurismo teve a salvá-lo a profundidade, a beleza, a vastidão de horizontes do génio.

Se é certo que nem todos podem ser génios, qualquer pode ter talento.

E é indiscutível que a mania do exótico revelou, em Portugal, autênticos poetas: Gonçalves Crespo, Cesário Verde, Eugénio de Castro, António Feijó, etc.

Ainda hoje, José Régio é um caso típico de «avançado» literário de bom-gosto — apesar de certas concessões feitas ao «futurismo» de 2.^a classe:

*Ou Cá-Lá baile em plena estéril meta,
Ou me atire a dormir em qualquer cama
Curtindo ininterruptas bebedeiras !*

Fernanda de Castro tem poesias — como o «Sol de Paris» — em que demonstra um impressionismo de boa qualidade e grande facilidade em versejar.

Fernando Pessoa, à parte certas singularidades, é um poeta de alto valor. A emotividade de «O menino de sua mãe», a vibração de «Gládio» consagram-no definitivamente como artista de sensibilidade requintada. Luiz de Montalvor, Gil Vaz, Augusto de Santa Rita, Augusto Ferreira Gomes, Alfredo Pedro Guizado, etc. — são dos melhores poetas da jovem geração que avança na Vida. Saibam manter-se dentro dos limites do bom-gosto — e triunfarão sempre.

ABÍLIO PEREIRA DA SILVA

''A mulher na Lua,,

film com ciência

Recordo-me ainda com certo entusiasmo dum filme que há anos vi, realizado pela U. F. A. sob a direcção de Fritz Lang: «A mulher na Lua». Foi nessa ocasião bastante discutido e, ainda hoje, quando vem à conversa o problema das viagens interplanetárias, se discute o célebre film. E tenho observado que, quasi regra geral, pela simples circunstância de se dizer que o filme foi inspirado na obra de Júlio Verne («Da Terra à Lua»), se diz também que Fritz Lang, no que diz respeito à viagem Terra-Lua, se serviu da ideia do romancista.

E' sobre êste ponto que quero elucidar os leitores.

Fritz Lang foi suficientemente consciencioso para não apresentar um veículo interplanetário absolutamente irrealizável praticamente, como o descrito pelo romancista na citada obra. Quis, portanto, apresentar um que fôsse, mais ou menos, compatível com o estado actual da Ciência.

Foi estabelecido em 1928 pelo Comité de Astronáutica, fundado por Robert Esnault-Pelberie, um prémio para a individualidade que mais trabalhos apresentasse sobre o problema das viagens interplanetárias e que mais contribuísse, consequentemente, para a solução do problema. Em 1929, êste prémio, foi concedido ao fisico alemão Oberth, que nêsse ano apresentou trabalhos de alto valor sobre o problema, desenvolvendo os princípios de Ziolkowsky sobre o motor de reacção, fazendo inúmeras experiências laboratoriais.

Foi, precisamente, êste fisico alemão que a U. F. A. convidou para dirigir a parte puramente científica do film. E Oberth não fez mais do que apresentar não só um dos modelos de foguete interplanetário por êle estudado, como aplicar

todas as suas hipóteses acerca da viagem. Ora, com franqueza, Oberth, não arriscaria o seu nome de fisico illustre com *erros* que... não passariam desapercibidos aos *curiosos* da fisica, como os que Júlio Verne *comete*.

Qual foi então o veículo que Oberth apresentou?

Façamos, em primeiro lugar, algumas considerações sobre o princípio em que se baseia um foguete — o princípio da acção e reacção.

Considerado um motor de reacção (foguete) como um sistema isolado, quer dizer, fora de qualquer influencia, o princípio considerado traduz-se pela expressão:

$$M \nu = - m V$$

em que M é a massa total do aparelho, ν a sua velocidade, m a massa gasosa expelida e V a velocidade de expansão dessa massa gasosa.

No entanto, só assim é para o caso duma única explosão ou, melhor, para o caso duma força instantânea. Tratando-se de explosões sucessivas, aquella expressão dá origem a esta:

$$M d\nu = - dm V$$

visto que, por unidade de tempo, vai uma determinada quantidade gasosa dm e o aparelho tem uma variação de velocidade $d\nu$.

A velocidade do aparelho, num dado instante, obter-se-há tirando o seu valor na última expressão escrita, e integrando-a tomando para limites a massa total que o aparelho possui à partida e a que êle possui nesse instante. Resulta então:

$$\nu = V \cdot \log \frac{M_0}{M}$$

sendo M_0 a massa à partida, e M a massa no instante considerado.

Esta fórmula é a base de todas as experiências e de todas as conclusões. Considerando um limite para V , os técnicos preocupam-se em aumentar quanto possível a relação entre M_0 e M de maneira que para ser atingida, pelo aparelho, a velocidade de libertação, ou seja, a velocidade inicial que êle deve possuir para sair da acção de gravidade terrestre.

Assim, Oberth foi tão meticoloso que, considerando uma mistura explosiva de que resultaria uma velocidade V relativamente pequena, e tendo portanto que obter para o cociente $\frac{M_0}{M}$ um valor que desse a ν o valor indispensável, considerou um duplo foguete que funcionaria da seguinte maneira: — um, com uma mistura explosiva de alcool e oxigénio líquido funcionaria até pouco além da camada atmosférica e, esgotada a sua carga, seria abandonado de maneira que a massa inicial do aparelho diminuía consideravelmente; o outro, para o resto da viagem, funcionaria com o auxílio duma mistura de hidrogénio e oxigénio líquidos. Seria injectada uma quantidade de alcool no primeiro e de hidrogénio no segundo superior à indicada pela reacção representativa da expressão, para evitar que o calor desenvolvido não fundisse as câmaras de explosão. Parte desse calor era absorvido pela passagem do excesso de alcool e de hidrogénio ao estado de vapor.

Com um tal aparelho, conseguia obter para $\frac{M_0}{M}$ o valor desejado, o que não aconteceria só com a perda de massa proveniente do esgotamento das misturas explosivas.

Vejamos um exemplo: — Supondo V igual a 4000 metros por segundo, a relação $\frac{M_0}{M}$ deveria ter, aproximadamente o valor 1000 para que se obtivesse para ν a velocidade de libertação 11.180 m/s. Isto significa que, se o aparelho sem a mistura explosiva tivesse uma massa de 500 kg., teria que transportar daquela mistura uma massa de 499.500 kg. sendo, portanto, a sua massa, à partida, de 500.000 kg.

Foi observando resultados análogos que Oberth pensou no sistema de foguetes abandonáveis durante a viagem.

Tinha algumas considerações pessoais a fazer sobre a velocidade de libertação e a sua aplicação na fórmula, mas não quero alongar-me demasiado. Fica para um dos próximos números, em que tratarei exclusivamente o problema da cosmonáutica. Por agora, interessa apenas o que diz respeito ao film que estamos tratando.

Accionado, portanto, por uma força constante, o aparelho de Oberth — *apresentado no film* — desloca-se com um movimento uniformemente acelerado até atingir a velocidade de libertação. Possui, conseqüentemente, uma determinada aceleração γ (positiva).

Quem viu o film, deve recordar-se do que sucedeu aos passageiros do aparelho nos primeiros momentos da viagem. A perda de sentidos, observada, deve-se ao aumento considerável de pêso. Assim, cada passageiro possuía, relativamente à Terra, um determinado pêso p que é dado pela expressão

$$p = mg$$

em que g é a aceleração da gravidade, e m a massa de cada passageiro. O aparelho execoe, por sua vez, sobre cada indivíduo uma força f , directamente oposta à força da gravidade e cujo valor é

$$f = m \gamma$$

em que γ é a aceleração do aparelho, e m ainda a massa de cada passageiro.

É evidente que f é, por sua vez, o pêso de cada passageiro relativamente ao aparelho, ou seja, o seu pêso aparente. Logo, o pêso total será a soma $p + f$ que represento por P . O valor de P será então

$$P = m(g + \gamma)$$

Se o aparelho possuísse uma aceleração de valor compreendido dentro do limite de resistência fisiológica provável, 28 metros por segundo quadrado (segundo as experiências de Alekejewisch Rynin), por exemplo 20 m/s^2 , cada passageiro possuiria o pêso total aproximado de 150 kg. (se o seu pêso à superfície da Terra fôsse 50 kg.) nos primeiros instantes, em que a aceleração da gravidade varia pouco (porque ela diminui à-medida que nos afastamos da Terra).

Se Fritz Lang tivesse usado para a viagem representada no seu film o projectil de Verne, que iria animado de movimento uniformemente retardado de aceleração $-\gamma$ igual em valor absoluto a g , viria para P o valor zero, visto que se anularia a soma $g + \gamma$. Mas, o que é certo é que o pêso aparente f que é tirado da expressão

$$f + p = m(g + \gamma)$$

teria o valor

$$f = -p$$

para $g + \gamma = 0$. Portanto, um pêso aparente igual em valor absoluto ao pêso real, ou seja, o pêso do passageiro relativamente ao aparelho igual em valor absoluto ao seu pêso relativamente à Terra. E êste último resultado (*projectil de Verne*) deve verificar-se também em contacto com a atmosfera terrestre. E digo *deve*, porque as leis da aerodinâmica, entre elas a que é traduzida pela expressão da resistência oferecida pelos fluidos ao movimento dos corpos

$$R = z \frac{\delta}{g} s \nu^2$$

(em que z é um factor que depende da forma do corpo, δ o pêso da unidade de volume do fluido, g a aceleração da gravidade, s a superfície da secção do corpo normal à direcção do movimento e ν a sua velocidade), não se verificam para velocidades superiores à do som.

A velocidade inicial que devemos imprimir a um móvel para que êle atinja uma determinada altura é a mesma com que êle chega ao solo se o abandonarmos dessa mesma altura. Portanto g igual a $-\gamma$ em valor absoluto. Todavia, nada de positivo podemos afirmar sôbre êste caso, visto tratar-se dum projectil animado duma velocidade inicial muito superior à do som e não conhecermos, conseqüentemente, o comportamento das leis aerodinâmicas para êste caso. Mas, julgo que... de qualquer maneira, a resistênciã do ar seria igual quer no sentido ascendente quer no descendente (se o móvel fôsse simétrico relativamente a um plano que o cortasse transversalmente)...

Voltarei ao assunto para tratá-lo mais minuciosamente e mostrar aos *incrédulos* que o problema das viagens interplanetárias não se apresenta tão insolúvel como lhes parece. Lembrem-se êles de que o motor de reacção pode ir até à applicação da desintegração atômica — di-lo o Dr. Piccard — e, sobretudo, as investigações científicas continuam.

REDONDO JÚNIOR.

H u m o r i s m o

A filosofia dos animais

«Ser filósofo» é tomar uma atitude coerente perante a Vida. Nem só os construtores de sistemas são filósofos: Catão e Luculo, figuras opostas mas igualmente rígidas, são dois tipos diferentes de filósofos.



Houve, na Grécia, uma escola de moral chamada «cínica». Os seus sequazes, fieis partidários da vida ao ar livre e do espírito liberto de preconceitos escolásticos, adoptaram como símbolo da sua filosofia irreverente — *o cão*. E porisso lhes chamaram «cínicos»...



Mais tarde, aparece-nos uma escola de indivíduos couraçados contra a Dor e indiferentes ao Prazer — homens de mármore, que renunciaram à sensibilidade para serem felizes. São os «estoicos». E, se me é lícito atribuir-lhes um símbolo «zoológico», eu lembrarei — *o camelo*: animal paciente e dócil, que transporta pesadas cargas, através de desertos arenosos, com a serenidade e a indiferença dum justo. Se, para consolação dos humanos, nos restam as «Máximas» de Marco Aurélio — o «automóvel do deserto» tem o seu depósito per-

manente de água, que lhe permite suportar as mais altas temperaturas, sem o tormento da sede. . .



Mas, em Roma, a velha moral de Cirene, que procurava a Felicidade no prazer sàbiamente regulado, é substituída pela «anti-moral» epicuriana dum Luculo — devasso como um «dandy» de hoje, pródigo como um «lord», mais gastrónomo que Brillat-Savarin. . .

E essa moral, que arrastou o povo romano à ruína — em bacanais presididas pelo César —, não tem melhor símbolo que — *o porco* — com os seus hábitos de glotoneria, a sua maneira característica de meter as mãos dentro da gamela e a sua velha antipatia pelos problemas do Espírito. . .



Mas há um animal cuja inteligência, agilidade e frio egotismo revelam a mentalidade caraterística dum céptico: é — *o gato*. Ele tem a preocupação única de não se molhar: porisso nunca toma banho. Não acredita nas virtudes higiénicas da água fria. Tem um soberano desprêzo por tudo quanto não lhe diga respeito. E' altivo e sério. Mesmo quando brinca com um rato, fá-lo com a astúcia diplomática dum dialético subtil — que pode, dum momento para o outro, devorar o seu adversário. . .



Pensador, metafísico, intelectual — com a melancólica resignação dum fatalista e a piedade estática dum sequaz do Budismo — tal é — *o burro*. Se o virdes abanar as longas

orelhas — com o seu olhar longínquo de eterno «Pamplinas», as suas maneiras «gauches» dum «Charlot» de 2.^a classe e o seu ornear nostálgico, entremeado de recordações dolorosas e suaves dum «paraíso» perdido — não hesiteis: tirai o chapéu, que passais diante dum neò-platónico, para sempre «mergulhado no sono hipnótico das metafísicas» . . .



Mas, acima de todos e coroando a série dos «animais-filósofos», está — a *Vaca*. Adorada no Egito, entrando na religião cristã pelo Presépio, perpetuamente mungida e casta — ela é o símbolo mais perfeito da Fraternidade Universal, daquele panteísmo naturalista que inspirou a Lamarcke a sua «teoria da evolução». E' vê-la nos «polders» holandeses, nos Alpes da Suíça, nos lameiros verdes de Portugal — sempre igual, sempre serena, arvorando (como a Pomba) a bandeira branca da S. das N. ou o estandarte pacífico do Tribunal da Haia. Ela é a personificação da abundância, da riqueza — nas «sete vacas gordas» do sonho do Faraó; ela é o instrumento de troca, a única moeda corrente, entre os povos selvagens da A'frica. E os seus olhos azues-celeste, os seus úberes quietos e fartos — chamam constantemente a Humanidade ao Trabalho, à vida contemplativa, à Paz do Senhor . . .

PERSIL

O «Breve Memorial»

do Padre Francisco de Araújo ou
a primeira crónica, inédita e desconhecida, da acção da Companhia de Jesus em Portugal

publicada por ANTÓNIO CRUZ

(CONTINUAÇÃO)

CAP.º I.

Da Determinaçam do P. Inacio E seos cõpanha^{os}
se instituiu a noua Religiã.

Esta prouincia de Portugal foy das primeyras q̃ nosso Bemaventurado P^e IGNACIO Fundador da comp^a instituyo. E antes de ser prouincia E de ser cõfirmada a cõp^a pola See Apostolica Ia auia Padres em Portugal q̃ tinham uindo de Roma .s. (1) o P^e Mestre Fr^{co} xauier E o p^e Mestre Symam ambos do numero dos dez primeyros Padres q̃ todos iuntos assentaram em Roma de fazer congregaçam E Instituto q̃ durasse te fim do mundo, E isto determinaram precedendo muytas y muy feruoras oraçoës diante de d's E foy No año do sör de 1538 E unidos todos os dez .s. o P. Inacio E os cõpanheyros. fizeram hũ Sumario breue do Instituto q̃ a companhia auia de ter cõsiderando de vagar cada ponto por espaço de 3 meses .s. q̃ auia dauer uniam entretodos inda q̃

(1) Leia-se : *scilicet*.

estiuessem espalhados por todo o mundo E q̄ auiam de ter hũa Cabeça a q̄ todos obedecessem E q̄ auia dauer votos de pobreza castidade E obediencia. E especial voto de Obediencia ao Vigario de Xº no qual se offerecessem a estar aparelhados pª ir a qualquer Prouincia de fieis ou infieis á qual o sumo Pontifice os mandasse. E logo o demonio deseiendo extinguir de todo em seu principio esta tam alta E singular empresa de noua Religiam clerical, ordio E aleuantou hũa braua perseguicam cõtra o B. Pº Inacio o qual sayo com gloriosa Vitoria dandose hũa famosa sentenca em Louuor E defensam de Inacio E seus companhyros, a qual anda empresa. —

E na determinacã ia (1) dita E perseguicam se passou quasi o año de 1538.

O Restante deste año com o de /1539/ gastaram os Padres em seruiço de D's E de sua Igreja fora E dentro de Roma.

CAP. 2.

da 1ª cõfirmaçã da cõfrª

Deu o pº INACIO conta ao Papa q̄ entã era Paulo .3º. deste deseio E santo proposito q̄ elle E os Pºs tinhã pª q̄ cõ sua autoridade Apostolica cõfirmasse a Comp.ª por Religiam E isto por meo do Cardeal Gaspar Cartareno declarandolhe a sustancia da regra, pª q̄ assi se fundasse hũa Religiam de Clerigos Regulares cujo Instituto fosse estar sempre aparelhados pera ser mandados da See Apostolica. Ouuiu isto alegremente o sumo Pontifice estando em Tibuli a 3 de Setembro de 1539 E leo A regra E capitulos E teueos por bõs, depoyos pedindo Noso P INACIO Se desse por escrito cõfirmacam deste Insti-

(1) Leia-se : já.

tituto. o Papa o cometeo a 3 Cardeaes De modo q̄ durou este Exame quasi hū año te o outro Setembro de 1540 E por esta entencam offereceo o p^e Inacio tres mil missas a N S^{or} E enfim suas continuas Lagrimas E oracois uenceram todas a difficuldades. E tocou d's o coracam de todos os 3 Cardeaes E com mor affecto o principal delles Louuou ao papa o Instituto da Comp^a com grande efficacia E o papa lendo a Summa da Regra E Instituto o louuou muyto E ficou tam marauilhado q̄ con espirito de Pontifice dixee estas Palavras Digitus Dei est hic, q̄ querem dizer este he o dedo de D's E affirmou q̄ de tam pequenos principios nã esperaua Este pequeno fructo, nem pouco proueyto p^a a Igreja de D's. Deste modo ficou Confirmada a cõp.^a cõ breue ãpleo (?) o Ano de M. D. XL. aos uinte E sete de setembro. mas por entãõ cõ certa Limitaçam .s. q̄ nam podesse crescer o numero dos p^{ro}fessos mais q̄ ate sesenta. E depoy tyrou o Papa esta limitacã como logo se dira.

CAP. 3.

Da vinda dos Primeyros Padres a Portugal

O Doutor Diogo de Gouuea Portugues Reytor E o principal do Collegio de S. Barbara de Paris tinha muy bem conhecido a virtude do padre Inacio quando estudaua em Paris E lhe tomou particular affeicam E ouuindo de Seus Santos intētos em Roma E seus cõpanheyros auisou por cartas a elrej Dom Ioam 3.^o quanto podiam ajudar os Padres na conuersam da Gentilidade da India: polo q̄ tinha sabido de Sua grande virtude E zelo da salvacam das almas. ElRej como era Christianissimo E muy deseioso de dilatar a gloria de X^o E sua fee en todo Oriente. Mandou logo a Dom P.^o Mascarenhas seu Embayxador em Roma q̄ tratasse este negocio com

o Padre IGNACIO E procurase alcançar o Papa polo menos seis Padres, p^a a conuersam da India. metendo nisto todas as valias sê ter conta com gasto nem trabalho, Tratou jsto o Embayxador com o p.^o Inacio E cõ o papa E procurou cõ muyta instancia alcançar o q̄ elrey pretendia Em Conclusam Mandou o papa q̄ lhe dessem dous Padres q̄ o padre INACIO Escolhesse. O qual nomeou p^a esta Missam o p.^o Mestre Symam. E o p.^o Bouadilha. o p.^o Mestre Symam portugues estaua emtam Quartanario E com tudo se embarcou logo p^a Portugal. o p.^o Bouadilha veio tam éfermo E debilitado de Calabria q̄ foy necessario q̄ em seu lugar cõ felicissima sorte fosses substituido o Padre Mestre Fr.^{co} Xauier E estando o p.^o Inacio enfermo é Cama o chamou E lhe disse Bem sabeys Irmaõ q̄ por ordê de Sua S^{de} ande passar a India dous de nos, E q̄ Bouadilha naõ pode partir por sua éfermidade. Deos se quer nesta parte seruir de vos Esta he vossa empresa, a vos toca esta Missam. Respondeo Xauier com grande alegria. Eysme aqui Padre aparelhado estou. Foyse Xauier Beijar o pe ao Papa E pedirlhe bençam. E o Sumo Pontifice lha deytou muy liberalmête E o animou com hũa breue E sentenciosa exhortacam E dina de tal Pontifice. E a outro dia se partio cõ o Embayxador p^a Portugal onde chegou p.^o o p.^o Mestre Symã, por uir por mar, E o p.^o Mestre fr.^{co} dando no caminho grandes mostras E cheyro da Sua Santidade chegou a lx.^a a 17 de Abril de 1540 naõ sendo indo cõfirmada a cõp.^a E porq̄ eram Ia partidas as Naos da India ficaram aquelle año em Portugal.

Continua

T r ê s s e n t i m e n t o s

Numa ânsia de glória e despotismo o imperador romano, o senhor medieval, o monarca do absolutismo moderno gritavam: *quero*.

Num servilismo cristãmente resignado o escravo, o servo e o plebeu respondiam: *devo*. Por vezes, contudo, em assomos de revolta e num ranger de dentes ameaçavam: *posso*.

E o *querer*, o *dever* e o *poder* arrastam-se ao longo da história, quási como fôrças divinas que num xadrez colossal disputam as consciências dos povos. E, hoje ainda, nos écos sombrios da velha Roma se ouve atroadoramente o *quero* do ditador e, ao longe, do verde Atlântico, cheirando a pólvora e a maresia, numa resposta decisiva o britânico *posso*. E, se escutarmos melhor, pela miséria dos logarejos, hoje como ontem, agora como sempre, o soluçar resignado do *dever* misturado com uma consciência surda e apagada, que num olhar, num gesto, numa expressão fugidia parece gritar *potência e capacidade*.

Analisemos um pouco demoradamente êstes três sentimentos e vejamos como êles, qualquer que seja a forma que revisitam são filhos do *indivíduo* e não da *sociedade*, dos *homens* e não do *Homem*.

Comecemos pelo dever:

Suponhamos que digo: «*penso que devo respeitar o nosso semelhante*».

Que significa esta frase? A primeira palavra — «*penso*» — parece dar-lhe um cunho intellectivo e a uma análise descuidada, poderia parecer que o «dever de respeitar o meu semelhante» é a conclusão lógica do meu pensamento. Puro engano. O «dever de respeitar o meu semelhante» longe de ser a conclusão dum pensamento, isto é, qualquer coisa, que por um

processo racional, fiz brotar do meu intellecto, é tão sòmente o *objecto* dêsse pensamento. O *penso* da fórmula significa pois simplesmente: «*Tenho consciência que*». E, se por um esforço de introspecção analisar agora o conteúdo dessa consciência eu noto que êsse conteúdo: — o dever do respeito para com o meu semelhante — não é de modo algum uma idéia com as suas características de generalidade e abstracção nem o seu cunho de limitação comprehensiva, mas qualquer coisa de vago, de místico, muito próximo daquilo a que eu chamo *sentimento*. Esse sentimento é por sua vez dirigido a um acto que aparece como a sua razão de ser — o respeito ao meu semelhante.

Sem êste *respeito* a servir-lhe de conteúdo, êsse *dever* para mim não existiria, pois tirando-lhe o que êle tem de experimentável, de viível, resta qualquer coisa de ôco sem sentido nem significado.

Constato assim no meu fôro íntimo que tenho «*deveres*» mas noto ao mesmo tempo, por um simples processo introspectivo que êsse Dever (com D) ante o qual eu quási ajoelhava, enaltecendo as suas qualidades supra-humanas de absoluto não é mais que um sentimento muito humano e muito relativo, que faz parte da minha vida neuro-psíquica.

Esta análise levanta-me alguns problemas: — 1.º) Sendo êsse sentimento de natureza puramente psíquica — qual a sua origem? 2.º) O que lhe dá êsse carácter de obrigatoriedade que me choca e me impressiona?

As respostas são fáceis e entroncam-se numa maneira de ver quási pragmatista. Em face de qualquer situação eu resolvia *porque me era útil* (*útil* e não *utilitário*) fazer determinado acto. Contudo, com o andar dos tempos as causas que determinaram a minha acção caíram no inconsciente. Em face de situações semelhantes, porém, eu repito o mesmo acto porque um sentimento, uma tendência irresistível e inconsciente mo leva a praticar. *Eu sinto o dever de o fazer*. Poder-se-há perguntar então qual o mecanismo psíquico explicativo desta tendência.

É-nos impossível, todavia, tratar dêste problema aqui,

pois o seu desenvolvimento completo levaria muito tempo e espaço. Assinalaremos, contudo, que «os reflexos condicionados» de Pawlow e as modernas teorias vitais de Pierre Jeans são esplêndidos elementos para assentar uma explicação cabal do fenómeno.

Pressinto contudo uma outra objecção: Há, dir-me-ão alguns, um certo número de deveres impossíveis de serem «soluções», que eu dei a determinadas situações pela simples razão que nunca me vi em face delas, e que, longe de me pertencerem a mim só, pertencem à espécie.

Quanto a êstes *deveres* que não tendo a sua origem psíquica na experiência do indivíduo, existem contudo no conjunto das suas vivências, notaremos sòmente que uma regra moral sòlidamente estabelecida pela hereditariedade e pela tradição, provocando o esquecimento dos motivos que determinaram o seu aparecimento, nos surge com um carácter de obrigatoriedade muito mais forte que qualquer outra.

A resposta a uma situação tornada *hábito* no indivíduo, transmite-se no espermatozoide à descendência que a recebe ignorante da causalidade psíquica que a determinou e, consequentemente, com um carácter de obrigatoriedade, com um sentimento do *Dever*. E assim como o abandono subito dos nossos hábitos provoca a impressão do abandono dum dever, assim também uma solução contrária àquela tornada habitual na célula viva e especializada provoca a mesma sensação.

Uma vez descobertas, portanto, as causas psíquicas de determinado hábito de base normativa, os *deveres* são apeados humanamente do seu pedestal divino e ficam na contingência de cessar logo que cessem os motivos que os determinaram.

E' esta impossibilidade de justificar alguns deles psicológicamente que lhes garante o seu carácter de obrigação incondicionada.



Nesta altura um outro problema: — Porque é que eu agi de determinada maneira ?

A resposta, embora roçando ao de leve o grave problema da *causalidade*, pode ser esta: «agi porque *pode* agir assim».

E chegamos nós à análise do segundo sentimento — o *Poder*.

Quando eu afirmo que «posso fazer isto ou aquilo» implicitamente denuncio um outro sentimento base de êste: *o esperar*. Afirmar poder fazer uma coisa é esperar fazê-la. E' uma atitude de expectativa confiante que radica por sua vez no complexo volitivo.

Portanto, como o *poder* pressupõe o *querer* («querer é poder», diz o nosso povo) analisemos de conjunto êstes dois sentimentos, embora a sua análise nos tenha que levar um pouco longe.

O *querer* não é mais do que uma forma intermediária entre o *ser* e o *existir*.

Vejamos:

Constatamos imediatamente ao observar a definição dada do *querer* que roçamos o problema metafísico.

Longe, porém, de colocar êste delicado problema no pé em que a maioria dos filósofos o tem feito nós partimos dos seguintes princípios:

1.º) E' impossível, assim o julgamos, demonstrar a existência ou não existência dum mundo exterior.

2.º) Há contudo um facto inegável: existe um sentimento da realidade.

3.º) Este sentimento é variável de homem para homem: firme e inabalável no «homo faber» ou no materialista, débil ou quási que não existindo no psicasténico ou no idealista.

Ora, se existe um «sentimento do real», denominador comum de tôdas as opiniões, convem, imitando o raciocínio de S.^{to} Anselmo, analisar o problema nêste pé: — Qual a natureza do «sentimento do real»? Ele é, antes de mais nada, o próprio nome indica, «*um sentimento*». E' qualquer coisa que acompanha a representação, um «atributo», uma «qualidade», para fazer côro com Simmel, um complexo de dois outros senti-

mentos — o «*ser*» e o «*estar*» — na nossa opinião. O cigarro que tenho entre os dedos existe na medida em que «*é*» um cigarro que «*está*» *nêste momento* entre os meus dedos.

A falta de espaço e a natureza leve dêste artigo impossibilita-me de desenvolver êste ponto.

O que é certo, porém, é que, podendo o meu espírito dar o *ser* a qualquer representação e podendo localizar (inclusive alucinatoriamente) êle pode dar o *existir* a qualquer ideia.

No campo da patologia, no domínio da arte, no próprio terreno filosófico, poderíamos citar múltiplos exemplos dêste facto. Poderíamos até, se quisêssemos levar mais longe a nossa opinião, relacionar êste sentimento com o processo recognitivo de base manifestamente afectiva.

O que interessa, contudo, é assinalar um facto: êsse sentimento de existir é acompanhado dum abalo de natureza afectiva, ao qual, ao arrepio da psicologia oficial, devemos dar uma tonalidade agradável: o producto feliz duma actividade espiritual.

Ora essa mancha afectiva tende a repetir-se. *Quere* passar do *ser* para o *existir* e daí um sentimento que a psicologia oficial tem indicado pelo nome de *vontade*, e que não é mais do que uma fórmula intermédia entre o *ser* e o *existir*.

É êsse sentimento, que tornando-se cada vez mais forte permite ao indivíduo *esperar* a realização de certo dado e daí o sentimento do *Poder*.

De tudo o que deixámos dito três coisas se concluem :

1.º) O *Dever* longe de ser um ente divino e absoluto é um sentimento humano, relativo, com bases tão dignas de respeito e atenção como qualquer impressão sexual ou cenestésica.

2.º) O *Querer*, essa *Vontade* soberana que os educadores e os moralistas nos recomendam possui a mesma base psíquica e depende, em última análise, do *sentimento do real* do indivíduo.

3.º) O *Poder*, embora consequência do *Querer*, é-o sòmente na medida em que é um sentimento de expectativa confiante.

Quando se transforma em «realização» depende das circunstâncias anexas.

Destas três conclusões se poderiam tirar princípios e regras de algum alcance em Sociologia, Moral e Pedagogia.

Nós, por enquanto, abtemo-nos de o fazer. A Humanidade que continui com os seus gritos rouquinhos: *Quero, Devo e Posso*, até que a voz do individuo lhe responda mais calorosamente: «*Existo*».

O «Homem» que continui a curvar os joelhos perante o seu deus *Dever* enquanto os «homens» não esquadrinharem nas trevas do viver passado a causalidade psíquica dos seus «*deveres*» e, derrubando uns, não erigirem outros, mais de acôrdo com o momento presente.

JOSÉ NEIVA

A p r e c i a ç õ e s

A pág. 342 do seu livro «A ideia de Deus», trata Bruno do problema: «Que fez Deus antes da criação do Mundo?»

Supõe duas hipóteses: ou o Mundo é, ou não é, coevo de Deus.

No primeiro caso, o Mundo não foi criado. «Recaímos no panteísmo». Na segunda hipótese, concluiremos que, antes da criação do Mundo, se passou algum tempo. Durante êsse tempo, Deus não fez nada; ora isto é absurdo.

Eis como Santo Agostinho resolve o problema:

Deus criou o Mundo e o Tempo simultaneamente. Antes da criação não se passou tempo algum. Deus é eterno. Mas a sua eternidade não é no Tempo. Ela é imóvel e sempre presente — enquanto o tempo é variável e sucessivo.

Bruno acha que não há distinção entre Eternidade e Tempo. «A Eternidade é a concepção do Tempo no seu máximo de amplitude: sem limites».

Além disso, se Deus está fora do Tempo, não pode fazer obras no Tempo. Logo — o Mundo não pode ser criação sua.

Quanto à ideia de Eternidade, Bruno labora num êrro. Eterno, para Santo Agostinho, é o contrário de sucessivo — é o permanente. Não é o ilimitado — é o infinito. Não podemos chegar à Eternidade pela ampliação da ideia de Tempo. Seria querer determinar exactamente um número irracional.

Quanto ao segundo argumento, nada vale — pois que é precisamente pelo seu carácter extra-temporal, superior ao Tempo e transcendente, que nós podemos atribuir a Deus a criação do Tempo (e do mundo temporal). Se Deus estivesse no Tempo, já existiria o Tempo. E a sua criação não dependeria de Deus.

Para se criar o Tempo é preciso ser-se eterno. E para se ser eterno deve-se estar fora do Tempo, sucessivo e variável.

Publicações recebidas

Visitaram-nos, no último mês, os nossos prezados colegas mais velhos: *O Despertar*, *Alvorada* (de Coimbra), *Mocidade Académica*, *O Diabo* (de Lisboa), *O Pensamento* (do Porto), *Gil Vicente* (de Guimarães) e *O Serpense* (de Serpa).

Igualmente nos fizeram amáveis referências a *Gazeta de Coimbra*, a *Presença*, *Coimbra*, o *Diário de Notícias*, *O Século*, o *Diário de Lisboa*, *República*, *Bandarra*, *Diário da Manhã*, *O Comércio do Pôrto*, *O Primeiro de Janeiro*, etc., etc.

A todos a expressão do nosso reconhecimento.

A REDACÇÃO.



P e n s a m e n t o s

«... [há] na dúvida sincera um princípio de fé; tal como há um princípio de verdade em todo o êrro ingénuo.»

Paul Bourget



«Durante tôda a vida, na infância, na adolescência e na adulez, a melhor lição é o exemplo e o melhor exemplo é o acto.»

Almerindo Lessa



«... hoje a vida do pensamento é um vasto hospital de almas.»

Eça de Queiroz

CINEMA TIVOLI

A CASA DE ESPECTÁCULOS
MAIS ELEGANTE DE COIMBRA

TELEF. 52

NESTA SEMANA VAI EXIBIR
A OBRA PRIMA MUSICAL
DE STRAUSS COM BRI-
GITTE HELM:

D a n ú b i o A z u l



BREVEMENTE EXIBE A
CRIAÇÃO MAXIMA DE
BORIS KARLOFF:

A Noiva de Frankenstein



NAS «MATINÉES» DAS QUIN-
TAS-FEIRAS TODOS OS
ESPECTADORES TEEM
GRANDES DESCONTOS NOS
SEUS BILHETES E DÃO-SE
VALIOSOS BRINDES

CINE-TEATRO
SOUSA BASTOS

O MAIS POPULAR E ANTIGO TEATRO DE COIMBRA

NESTA SEMANA NESTE PO-
PULAR CINEMA EXIBE-SE
Terra abrazadora
BASEADA NA OBRA DO
GRANDE ESCRITOR BLASCO
I B A Ñ E S

A Ilha do Tesouro
UMA SUPER-PRODUÇÃO
FORMIDAVEL COM O PE-
QUENO ARTISTA JACKIE
COOPER E WALLACE BEERY.

ESTE FILM CAUSOU GRANDE
SUCESSO EM TODOS OS CI-
NEMAS QUE O EXIBIRAM

PARA FEVEREIRO SERÁ EXI-
BIDA A OBRA MAXIMA
DA CINEMATOGRAFIA
MODERNA

A s C r u z a d a s

LABORATÓRIO
DO
DR. MATTOS BEJA

ANÁLISES CLINI-
CAS E VACINAS

R. FERREIRA BORGES, 9-2.º

C O I M B R A

COIMBRA EDITORA

LIVROS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

E N C O M E N -
D A S R A P I D A S

R U A F E R R E I R A B O R G E S

C O I M B R A

ACADÉMICA EDITORA

RUA CANDIDO DOS REIS, 6 a 12

COIMBRA

TELEFONE 939

ARTIGOS ESCOLARES
LIVROS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS
PARA TODAS AS FA-
CULDADES E CURSOS

COMPRA E VENDE:
LIVROS USADOS, RA-
RIDADES BIBLIOGRA-
FICAS, TRATADOS DE
ANATOMIA

CASA DO CASTELO

LIVRARIA
PAPELARIA
ARTIGOS
RELIGIOSOS

Rua dos Estudos, 43 a 47
Marco da Feira, 13 a 15

TELEFONE 239

COIMBRA
PORTUGAL

LIVRARIA NEVES

EDITORA

Alvaro da Silva Neves

TELEFONE 326

ARTIGOS DE
DESENHO
PAPELARIA
ESCRITÓRIO
TABACARIA
FOTOGRAFIA

LIVROS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

44, RUA CANDIDO DOS REIS, 48
COIMBRA

INSTITUTO DE MÚSICA DE COIMBRA

EXAMES OFICIAIS
COM A MESMA VALI-
DADE DOS REALI-
ZADOS NO CONSER-
VATÓRIO NACIONAL

AULAS DE SOLFEJO,
PIANO, VIOLINO, ETC.

RUA CASTRO MATOSO, 18
TELEF. 770

Farmácia do Castelo

MOBILIÁRIO
CIRÚRGICO
INSTRUMENTOS
DE CIRURGIA
ELECTRICIDADE
MÉDICA
MECANOTERAPIA



LARGO DO CASTELO
C O I M B R A

Laboratório "Coimbra,,

PRODUTOS
ESTERILIZADOS
ANÁLISES
CLÍNICAS
VACINAS



RUA FERREIRA BORGES, 145
C O I M B R A

COLÉGIO PROGRESSO
APROVADO OFICIALMENTE

CURSO GERAL DOS
LICEUS, ADMISSÃO À
UNIVERSIDADE E LICEUS

CORPO DOCENTE ÓTIMO
PREÇOS MÓDICOS AO AL-
CANCE DOS QUE TÊM
POUCOS RECURSOS

O COLÉGIO QUE MELHO-
RES RESULTADOS TEM
OBTIDO NOS EXAMES
: : : : FINAIS : : : :

25 — RUA DOS COUTINHOS — 29
C O I M B R A

EXPLICADOR

LECCIONA
DISCIPLINAS
DE LETRAS
DO CURSO
DOS LICEUS



LARGO DA FORNALHINHA — 19
C O I M B R A

CASA TRANSMONTANA

TABACARIA
PAPELARIA
JORNALIS E
REVISTAS

PERFUMARIAS NACIONAIS E ESTRANGEIRA

SECÇÃO DE ARTIGOS
FOTOGRAFICOS,
POSTAIS ILUSTRADOS

JOSÉ F. ANDRADE

R. CANDIDO DOS REIS - 26 (ALTA)

COIMBRA

LIVRARIA CUNHA

FUNDADA EM 1907

LIVROS PORTUGUESES
E ESTRANGEIROS:
NOVOS E USADOS
ESCOLARES, DE CIÊNCIAS,
LITERATURA, ARTE, ETC.

REVISTAS,
FIGURINOS,
MUSICAS

PAPELARIA
TABACOS E
LOTARIAS

150, RUA FERREIRA BORGES, 152

COIMBRA

TELEFONE 293

FARMÁCIA

ARMÉNIO FERREIRA

FARMACEUTICO QUÍMICO PELA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DERMINOTYOL
REMÉDIO EFICAZ

PARA CURAR ECZEMAS,
HERPES, INFECCÕES DA
BARBA E COURO CABE-
LUDO, IMPIGENS E OU-
TRAS DOENÇAS DA PELE

RUA FERNANDES TOMAZ, 2-4

COIMBRA

LIVRARIA ATLANTIDA

RUA FERREIRA BORGES, 103-111

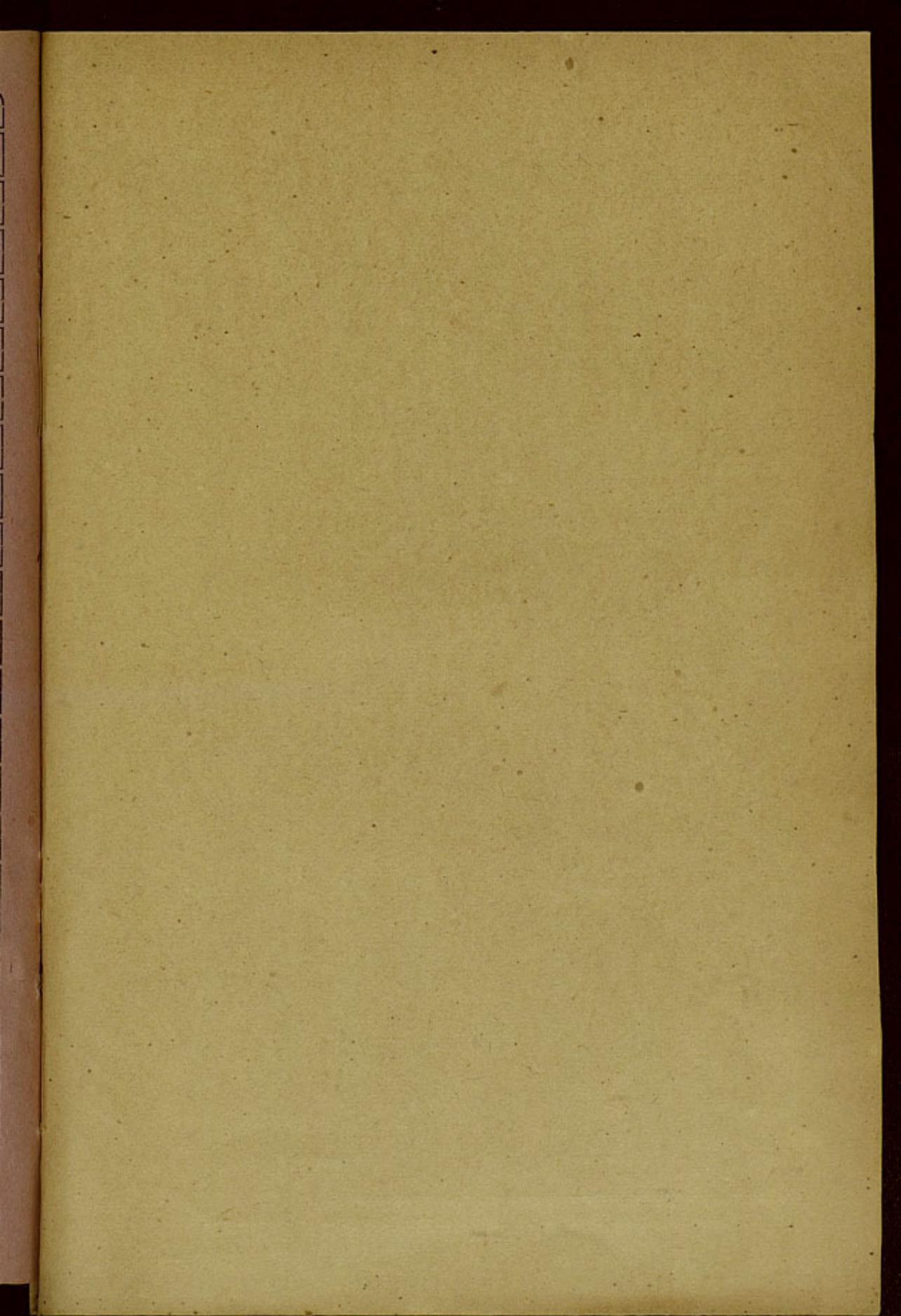
COIMBRA

TELEFONE N.º 215

SERVIÇO RÁPIDO
DE ENCOMENDAS

LIVROS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

TIPOGRAFIA E
ENCADERNAÇÃO



REVISTA DE CULTU

ÁGORA

RA UNIVERSITÁRIA

ANO I

N.º 3

10
5
13

C O I M B R A

FEVEREIRO-MARÇO • MCMXXXVI

DIRECTOR: JOSÉ LEOPOLDO LOPES DE NEIVA
RED. PRINCIPAL: ABÍLIO ANTUNES PEREIRA DA SILVA
EDITOR E ADMINISTRAD.: JOSÉ MENDES DA FONSECA

Redacção e Administração: Largo da Fornalhinha, 19 — COIMBRA

S U M Á R I O

A ACADEMIA DE COIMBRA COMO AGREGADO CULTURAL	— José Neiva
O CULTO DO HERÓI	— Manuel Barbosa
CANÇÃO DA LEVIANDADE (?)	— Políbio Gomes dos Santos
MIRAGENS EUGÉNICAS	— Dr. Amorim Girão
INTELECTUAIS, VOCÊS TÊM DEVERES!	— André Gil
COSMORAMA	— Persil
PROSA PARA UM POETA	— André Gil
ALGO SOBRE A ORIGEM DA ÉCLOGA	— José Mendes da Fonseca
TRECHOS SEM COMENTÁRIO	
CARTAS A NINGUÉM	— Jone
CHAGAS UNIVERSITÁRIAS	— José Neiva
UM INQUÉRITO	
VIDA ARTÍSTICA	
PUBLICAÇÕES RECEBIDAS	— A Redacção

PREÇO: ASSINATURA (3 NÚMEROS) 6\$00
NÚMERO AVULSO 2\$50

Não desejando a assinatura, pede-se a devolução do exemplar

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Á G O R A

REVISTA DE CULTURA UNIVERSITARIA

A academia de Coimbra como agregado cultural

Qualquer livro de filosofia social classifica os agregados humanos em *sociedades, comunidades, massas e hordas*. A' academia de Coimbra como um agregado deve corresponder na classificação geral uma determinada rubrica. Vejamos:

E' necessário primeiramente analisar com cuidado qual a essência de cada um dêstes grupos. Começemos pelo da comunidade.

E' logar comum, seguindo uma antiga opinião individualista considerar a comunidade como uma pluralidade de pessoas. Tratando-se porém duma entidade que representa na sua essência algo de novo e autónomo das pessoas individuais, uma definição desta natureza não poderá jámais corresponder à essência da comunidade.

A corrente transpersonalista, afirmando a existência da comunidade como inteiramente independente das alterações da composição dos seus membros, cai com Wundt e Gierke no exagêro, definindo comunidade como uma personalidade colectiva, isto é, atribuindo individualidade a uma coisa que é tão sòmente o resultado dum processo lógico. Eliminando estas atitudes extremas e colocando-nos num plano objectivo

definiremos comunidade como a coincidência das tendências valorativas de vários indivíduos.

Esta definição pressupõe portanto uma base especificamente sociológica: a tendência valorativa. A comunidade será uma pluralidade de tais tendências que se unem num todo harmónico. Para estas tendências, porém, encontrarem o seu ponto de confluência é necessário que caminhem todas para a mesma finalidade. Se os elementos da comunidade não coincidissem naquilo a que aspiram, esta reduzir-se-ia a uma pura coexistência em que as tendências valorativas se neutralizam, se anulam mutuamente.

Sintetizando: a comunidade é caracterizada por: 1.º) uma consciência de aspirações; 2.º) uma identidade de fins.

Analisemos agora o conceito de *sociedade*. Tönnies tem procurado definir êste conceito em oposição ao conceito da comunidade: «a comunidade nasce orgânicamente e baseia-se na vontade de ser; a sociedade, pelo contrário, é um produto artificial da cultura avançada».

A sociedade procede da comunidade. Com o progresso da cultura debilitam-se as influências mutuas, o indivíduo alcança uma autonomia cada vez maior.

A' afinidade de fins substitui-se um paralelismo de aspirações.

A sociedade será portanto em relação à comunidade, escreve Vierkandt, um «*minus*» sociológico mas um «*plus*» cultural. Quem vê no progresso da sociedade uma decadência de cultura partilha uma tese errônea. O que em última análise tem diminuído é o *sentir social* dentro das comunidades.

Pode-se pois caracterizar a *sociedade*: 1.º) por uma consciência nítida do fim a atingir — o fim cultural; 2.º) por uma valorização do pensamento individual dentro da consciência da comunidade.

Comunidade e sociedade pressupõem consequentemente uma *atitude consciente*.

Os outros dois grupos *massa* e *horda* desenvolvem-se no campo da inconsciência.

Tanto num como noutro campeia a inconsciência absoluta do fim que se pretende atingir.

Na *massa*, porém, os indivíduos marcham cegamente atrás de qualquer dos instintos elementares do agregado. Na *horda* os indivíduos caminham também inconsciente e cegamente para um fito que todavia lhes não pertence, que lhe impõem.

A qual destes grupos pertence a Academia de Coimbra?

Se a quizermos qualificar em relação ao primeiro grau da compreensão — consciência ou inconsciência de fins que se propõe atingir — teremos inevitavelmente de a incluir no segundo grupo.

Preguntai a qualquer académico qual a finalidade do agregado a que pertence e tereis ou uma resposta arripiantemente utilitária ou um desconcertante encolher de ombros.

Contudo a academia coimbrã nem é uma *massa* nem uma *horda*. É um agregado dúbio a quem mataram todos os instintos elementares de grupo, impossibilitando-a conseqüentemente de marchar como *massa* para um ideal e a quem, por enquanto não impuseram uma ideologia o que a transformaria numa *horda*.

O que é necessário fazer é criar-lhe antes de mais, *espírito consciente*, para que possa ingressar na primeira classificação.

Depois, não nos detenhamos no carácter de simples comunidade mas, porque é necessário progredir, desenvolvamos o pensamento individual dentro do sentir do agregado. **Façamos da Academia de Coimbra, deste conjunto amorfo uma autentica sociedade cultural.**

JOSÉ NEIVA

O c u l t o d o h e r ó i

Aos seis dias da criação do Mundo, Deus fez o herói, na pessoa de Adão, fê-lo, como não podia deixar de ser, à sua imagem e semelhança. E como o seu trabalho havia exigido extraordinário dispêndio de energia e engenho, aos sete dias descansou.

Do resto da humanidade obscura e rastejante não reza a Biblia, porque não conta. Ela não faz mais, no decurso ingente de milhares de páginas, a que correspondem milhares de anos, do que nos dar a biografia do herói, a exaltação do herói. E porque todo o nosso saber actual, volvidos novamente milhares de anos sôbre a última página do Novo Testamento, decorre ininterruptamente dessa inexgotável fonte de ciência e de vida, a história da humanidade não é mais do que a bibliografia das biografias dos seus heroes. Sem êles não teria a humanidade trilhado os luminosos caminhos que a conduziram a êste próspero e feliz ano da Graça, em que nos achamos, não seria mais do que um apagado rebanho, pastando e balando ainda nas idílicas pradarias do Eden.

Tal é a história que nos ensinam nas escolas, desde a modesta cadeira do professor primário à orgulhosa cátedra do lente. Todavia, não é assim. Se se tivesse olhado a vida das sociedades humanas sem orgulhos de casta, sem prejuízos de sábio ou sem farisaísmos de eleito, ver-se-ia claramente que a humanidade gera, alimenta e dota soberanamente os seus heróis, para que êles a sirvam nas suas mais altas aspirações, como o enxame faz à *mestra*, que há-de prover à sua aspiração de eternidade. Às *mestras* supérfluas e aos *zângãos* glutões, que encham de alarido e desordem a colmeia, elimina-os, porque se tornam inúteis e mesmo prejudiciais aos fins superiores do enxame.

Carlyle, grande mestre da história, tinha razão, quando

nos seus belos discursos «Sôbre os heróis» os apresentava como a gema da humanidade, aquilo que ela produziu de mais elevado, e a que, conseqüentemente, presta culto. Invertia, porém, a ordem natural das coisas, quando proclamava que a história da humanidade é, no fundo, a dos seus heróis. Fazia assentar o mundo sôbre a cabeça dêles, como diria um notável escritor. Dizer, como êle, que «tôdas as coisas que se realizaram no mundo são prôpriamente a exteriorização material, a realização e encarnação prática de pensamentos concebidos pelos Grandes Homens, que foram mandados ao mundo», é dar mostras duma atitude providencialista, que hoje só no homem ingénuo se poderia admitir.

No seu livro «O panorama científico», Bertrand Russell adopta esta mesma atitude, quando diz «crer que se cem dos homens do século xvii tivessem morrido na infância, não existiria o mundo moderno». Mas, preguntamos, donde surgiu a mecânica, senão das exigências da manufactura e da expansão capitalista, donde o incremento da ciência náutica, da geografia, da cosmografia e de tantas outras ciências, senão dos descobrimentos, donde, nos nossos dias, o extraordinário progresso da aviação, senão da Grande Guerra e das exigências da nossa civilização, que requiere rápidas comunicações entre os povos ou entre diferentes territórios pertencentes a um mesmo povo, devendo-se também a esta última causa o desenvolvimento da telegrafia e da telefonia sem fios, etc.? Não é nas épocas de afundamento nacional que surgem os Messias, nas de guerra os grandes generais, nas de intensa actividade económica e social os sábios e os artistas? Ou são os Messias que originam os afundamentos nacionais, os grandes generais que provocam as guerras, os sábios e os artistas que fomentam a prosperidade das nações? — E' evidente e a história demonstra que só a primeira série de hipóteses se verifica.

Mas se, por êstes motivos, não podemos aceitar a tese de Carlyle, muito menos admitimos a do super-homem, de Nietzsche. Carlyle não necessitou de quebrar, através do

longo friso de heróis que respigou na História, a linha da evolução moral do homem, porque neste domínio mais uma vez se confirma o preceito romano: *natura saltus non facit*. Pelo contrário, o super-homem de Nietzsche, criação arbitrária e perigosa dum cérebro doentio, não tem, para o recomendar, mais do que o recurso ao extravagante. O seu Zaratustra (que lhe perdôe o célebre sacerdote persa) é uma entidade artificial, cujos discursos — permita-se-me a comparação — lembram as peças articuladas do homem mecânico.

Concepção arbitrária, mas, pior ainda, perigosa. Ela contém, implícita ou explicitamente, o recurso a tôdas as violências e a tôdas as deformações, pois faz do herói o árbitro exclusivo dos seus actos e do homem da rua um ser desprezível, que não conta. Não se poderá apontar a Alemanha hitleriana, com a sua adoração do Fuhrer, as suas perseguições religiosas, as suas leis de esterilização, a sua apologia dos instintos sanguinários, como o mais flagrante exemplo das conseqüências a que arrasta a doutrina do super-homem?

Ela quebra a solidariedade entre os homens e, amalgamada com a de raça, atira as nações umas contra as outras.

Mas, por outro lado, quem se atreverá ainda a defender o culto do herói, tal como o fez êsse velho caturra e solene, que foi Carlyle, sobretudo depois das riquíssimas experiências sociais e internacionais do nosso século? Mesmo que se pudesse opôr, com ingênua simplicidade, o ingente labor material de centenas de milhões de homens, ao *trabalho heroico*, que executasse uma minoria de eleitos, nada justificaria que só a êstes coubessem as honras do resultado obtido. Se atendermos, então, à interdependência material, moral e social de todos os homens, ao imenso património, que, desde os tempos mais remotos, a humanidade vem acumulando em todos os domínios, não será possível dizer que «a história do que o homem tem realizado na Terra é, no fundo, a História dos Grandes Homens». Êstes banham, por assim dizer, num oceano de ideias, de aspirações, de sentimentos e de interesses,

que correspondem à época em que vivem, e aos quais se destinam a dar satisfação, traduzindo-os em estrofes, em notas musicais, em teorias e leis, ou simplesmente em máquinas.

As massas humanas geram e educam os seus heroís, fazem-nos servir aos fins superiores da grande colmeia em que vivemos, desfazem-se dos *zângãos* e das *mestras* inúteis, para que a harmonia reine e a espécie se perpétue nas melhores condições possíveis. Felizmente, para nós, a humanidade não espera do abalo do gênio a directriz em que há-de realizar a sua marcha. O seu potencial de acção é infinito, comparado mesmo com as culminâncias do gênio. É da imensa resultante das forças a que ela obedece, que há-de surgir o futuro — risonho ou tenebroso que êle seja.

Coimbra, Janeiro de 1936.

MANUEL BARBOSA



Canção da Leviandade (?)

*Raparigas, eu gosto
Da vossa companhia:
Morenas como cântaras tostadas,
Loiras como o Sol, fulvas, platinadas...
Eu amo-vos a tôdas duma vez.*

*¿ Que importa a côr dos olhos
Se todos choram
Se todos olham?...*

*Vamos! É linda a tarde anémica de Outono
E dentro de mim arde
Um coração
Ao abandono.*

*Correr comvosco as vinhas dos casais
É todo o meu afan:
Quero sorver, das vossas mãos esguias,
Bagos doirados
— Miniaturas de seios virginais,
Botados
Á luz do Sol e ao vento.*

*Venham dai: trezeutas... mil... dez mil...
; Que importa?
Iremos p'la manhã lustral de Abril
Á revelia p'los campos...
Eu vou colher o mel e flôres
Da vossa companhia.*

*Sim, tive um dia
Um grande amor;
Porém, a minha amada
Era estrangeira
— Coitada!
Não no entendia.*

*Agora,
Eu amo-vos a tôdas duma vez:
Morenas, como cântaras tostadas,
Loiras, como o Sol, fulvas, platinadas...*

— Raparigas, eu gosto de vocês!

Setembro de 1933.

POLÍBIO GOMES DOS SANTOS

Miragens Eugénicas

A ciência, mesmo na fase mais recente das suas investigações, parece que ainda continua, em grande parte, fiel à velha tradição da *pedra filosofal*. Pois com freqüência vemos para aí aprègoar algumas das suas conclusões como destinadas a servir de panaceia para todos os males e a tornar feliz a pobre humanidade, num côro de esperanças falazes que sobe até aos gabinetes dos homens de Estado, desce das cátedras universitárias e constitui para muitas inteligências moças a Circe tentadora, contra a qual importa estar de sobreaviso.

A *Eugenia*, um dos ramos que em nossos dias brotaram da Genética, está sem dúvida alguma nestas condições. Julgando ter surpreendido nos animais as leis que regulam a hereditariedade, pretende aplicar ao homem os mesmos processos de selecção que se aplicam, por exemplo, aos porquinhos da Índia. E para que não mais venham ao mundo pessoas fracas, anormais, degeneradas, vá de aconselhar processos vários para tornar saudáveis as gerações futuras, sem preocupações de qualquer natureza.

Segundo as teorias dêstes fáceis redentores da humanidade, no dia em que se tornem obrigatórios, entre outras coisas, o exame pre-nupcial e a esterilização de quem não fôr sadio e robusto, o mundo terá conhecido a sua idade de ouro. E não são capazes de reflectir que muitas pessoas fisicamente sãs geram às vezes filhos doentes, e até muitos grandes homens, dos que mais teem elevado e dignificado a espécie humana, descendem de pais avariados, que em boa política eugénica deveriam ter sido indicados para a esterilização.

Já o Dr. *Lowenthal*, de Nice (in-*Mercure de France*, 1934) apontou alguns exemplos, que são na verdade bem significativos. O pai de Goethe, um dos maiores poetas e pensadores

de todos os tempos, era um psicopata e irmão de um idiota. A hereditariedade de Byron era também de molde a causar as maiores apreensões: do lado paterno, um tio-avô era louco perigoso, e o próprio pai, homem devasso e cruel, acabou por matar, à fôrça de maus tratos, a sua primeira esposa; do lado materno, contam-se, entre os seus ascendentes, criminosos de vária natureza, e a própria mãe do poeta era uma desequilibrada, com acessos periódicos de alienação mental. Beethoven, finalmente, o grande criador da música moderna, era filho de um ébrio, já na fase do *delirium tremens*, e ainda presumivelmente atacado de avariose.

Por outro lado, como os eugenistas se enganam, quando supõem que há famílias ou dinastias de sábios, de artistas ou de homens de génio!

O já citado autor lembra ainda outros casos interessantes. O pai de Pasteur era um inculto guardador de gado. Victor Hugo gerou filhos de mediana cultura e uma filha portadora de debilidade mental congénita. Miguel Angelo descendia de uma mulher estúpida, que nutria o maior desprezo pela arte. E Wagner, com a filha de Liszt, deu o ser a um vulgar regente de orquestra e medíocre compositor.

Até as próprias qualidades morais, cuja transmissão por hereditariedade deveria ser sempre poderosamente favorecida pelos bons ou pelos maus exemplos, estão precisamente nas mesmas circunstâncias. E Nun'Alvares, no seu decidido amor à virtude da castidade, constituirá dêste facto um bom exemplo, se considerarmos a dissolução de costumes das personalidades de quem era filho e neto.

Depois, é preciso atender às duas partes do composto humano, e não apenas a uma delas.

Pode mesmo dizer-se que nem sempre uma regular constituição física corresponde a uma boa saúde mental e moral; e até com freqüência os males do corpo são poderoso estímulo para desenvolver o que no homem há de mais caracteristicamente humano — as faculdades intellectuais — quando mesmo

não se revelem eficaz remédio para a cura das próprias doenças do espírito.

Alguns dos homens que deixaram mais profundo sulco na história de todos os tempos — até nos domínios onde uma forte compleição física poderia parecer condição *sine qua* — foram muitas vezes doentes ou portadores de qualquer deformidade que se diria inferiorizá-los, como sucedeu a Alexandre da Macedónia e a Pedro Grande, imperador da Rússia.

Como nota ainda o Dr. *Lowenthal*, « César, Maomet, Napoleão I, Flaubert, Dostoiewsky, foram epiléticos; Esopo, Augusto, Miguel Angelo, Condé, Watteau, raquíticos ou corcundas; Rafael, Moliere, Espinoza, Schiller, Mozart, Schubert, Chopin, tuberculosos.

O grande biologista Wassmann foi tuberculoso desde a infância, vivendo apenas com metade de um pulmão e com o outro muito avariado. Pois, apesar disso, e talvez mesmo por causa disso, deixou uma vasta obra científica, de algumas centenas de volumes, que lhe asseguram um lugar de destaque entre os sábios da sua especialidade.

E para que não fiquemos apenas em exemplos estranhos, não devemos esquecer que « a mais promissora mocidade » do ensino universitário português destes últimos anos, o Dr. Carlos Eugénio Paço de Arcos, descendendo muito embora de uma família de valentes marinheiros, andou ligada neste mundo a um organismo enfermo; mas a sua *vita brevis* mais contribuiu ainda para pôr em evidência os seus extraordinários méritos e virtudes.

A-pesar-de tudo, há ainda quem no balanço geral das capacidades humanas atenda mais ao corpo do que ao espírito, e faça causa comum com certa filosofia de vistas curtas, para a qual a melhor felicidade do homem consiste apenas em ser um bom animal...

¿Quere isto dizer que não se torne urgente pôr em prática todos os meios susceptíveis de conduzir ao revigoração da raça e à melhoria das condições de vida da humanidade?

De-certo que não; mas pretende sobretudo encarecer as vantagens daquele eugenismo que, no dizer de *Valensin*, tem em vista não a esterilização dos corpos, mas a moralização das almas.

E, para terminar, ainda uma palavra dirigida aos entusiastas destas novas locubrações científicas. A *Eugenia*, fundada embora por *Galton* já neste nosso século, vai filiar-se nas concepções de *Nietzsche* sobre os « super-homens » e os « parasitas » humanos.

Ora, está provado que *Nietzsche* padeceu de avariose e de alienação mental. Será bom não esquecer isto . . .

AMORIM GIRÃO



Intelectuais, vocês têm deveres!

Perdoai, senhores intelectuais, êste tu cá, tu lá, com que o artiguêlho começa. Mas em parte a culpa não é minha. Desculpai, preclaríssimos intelectuais, uzeiros e vezeiros nas vossas atitudes solénes, nos modos imponentes da vossa conduta literária, que êste vocês, aqui encaixado na tira de papel, seja crivado no côrpo da imprensa. Aqui ao lado diz-se, com certo fundamento, que se perdeu hoje o sentido da lei. Essas normas jurídicas, frias e rígidas, com que se pretendia regular o indivíduo, foram-se. . . É da lei humana êste descrédito na própria lei. Que lhe havemos de fazer?

Muito grande é o poder de Deus! E afirmam as pessoas atiladas que nunca a idéa do escritor se deve circunscrever ao casúlo da sua banca — quando o tal tem em vista um mundo de ardózias (esta palavra significa: espíritos dispostos à obra do giz) para trabalhar com são entusiasmo. Isto tudo vem a propósito duma leitura que realizei agora sobre *o dever dos*

intelectuais que Fidelino de Figueiredo publicou depois de perder algum tempo em frente de meia-duzia de académicos e o sempre numeroso auditório extra-imortalidade. E cheguei à conclusão — não pensem que eu sou uma pessoa pançuda, muito séria, com o dedo indicador espetado e a medir o alcance da fraseologia; não pensem, para que eu conclua: o intelectual tem, mais que o dever, deveres. Parece-me que na vida literária portugêsa, e peço desculpa àquêles que isto não pareça (os quais lá têm suas razões — porque não admitir o pensamento liberto de certas peias?) parece-me que o livro de Fidelino de Figueiredo abre um panorama que, se não estava fechado, pelo menos esquecido por parte de muita gente. Na sua accção benfeitora só tenho a pôr uma objecção: porque tão brando para com os intelectuais cheios de pecados até a raiz dos cabêlos?

Fidelino escreveu o «discurso do método para bem conduzir os espíritos transviados ao caminho da boa razão» — isto penso eu agora que cheguei ao fim do livro. Vamos metodizar esta salada: que há aí feito? o que é preciso fazer? quais as coisas que servem para obra? aonde arranjar novo material? E no fim disto tudo resultou um trabalho à maneira cartezeana. Quero eu dizer que Fidelino viu o problema por cima no aconchêgo do seu pensamento e ditou o que era necessário efectuar. E os intelectuais não merecem um bocado de compaixão pela sua pobreza, pelo seu psalmodiar tristonho?

O golpe certo aqui e acolá no intelectual não é de abrir brecha; ao isolamento do pensador (entendendo por isso o homem de idéas); ao abandono da pugna e ao descrédito no triunfo — vamos com Deus! Fidelino de Figueiredo foi brando em extrêmo.

Intelectual é o que entende. Mas antes de ser intelectual êle já entendia. Passou para intelectual devido ao entendimento. E só se lhe deu a designação de intelectual quando provou a tôdos, os que quizeram, que entendia. Quais as provas

da intelectualidade de um indivíduo que anteriormente pertencia ao comum dos indivíduos? Provavelmente os seus trabalhos. Agora essa pessoa parte. Abandona a sua posição conquistada com o auxílio de tôda a gente que a aceitou no seu grémio. Poderemos afiançar que essa pessoa continua a entender? Entender é uma palavra muito bonita por isso que raramente se sabe até que ponto ela pode ser tomada.

Lá vai um intelectual! Mas quem garante que ali está um intelectual (e isto firmado no que Fidelino quere: o indivíduo que entende) se as suas obras não aparecem? Foi intelectual — e isto é outra facêta — e portanto já não pode comparecer na luta das letras. Agora os intelectuais que berram que o são, para êsses o processo a aplicar-lhes é outro. Eu compreendo que o intelectual a certa altura da sua trajectória acuse um cansaço e retire. Compreendo porque material não falta ao indivíduo para o seu labor; mas elementos internos, motivos de ordem psicológica — êsses a certa contagem excedem os limites e fracassam. Mesmo nós devemos ocupar um lugar que nos permita ver em outrém aquilo que decorre em nós. O Artista em determinado momento não pode contribuir com o que concorreu durante uma época de actividade. Nada mais humano: recolhe-se e deixa campo aos outros. O contrário seria contraproducente. Êsse abala, porém não lhe podemos negar intelectualidade porque lha démos enquanto trabalhou. Da menor ou maior eficácia da sua obra, isso já é um outro assunto. Mas deixar de ser intelectual, pela razão que se confessa afastado, não deixa.

Põe-se então aqui o problema de saber até que ponto vai a responsabilidade do intelectual. E julgo que ela culmina na atitude expressa de se ter por intelectual o indivíduo dispôsto a que o acreditem. Ora se êle impõe uma atitude require-se-lhe uma outra que é a de nos revelar que o é. Como? Pelos trabalhos que ofereça em consequência do seu entendimento. Mas o intelectual que se recolhe, o intelectual que se isola, merece porventura que seja tratado com tanto carinho por

Fidelino de Figueiredo? Os grandes ciclos históricos não são feitos com os que não existem; e aqueles que existem e não têm valor, também não constroem as grandes empresas — estava aqui em escrever o belo ditado que anda já aí no ar (dos fracos não reza a História) e é bem certo — porque acima de tudo é preciso tenacidade.

Ora muito bem: os intelectuais têm deveres. E muitas vezes parece-nos que êles julgam que ser intelectual é subir a um campo superior onde o dever é uma coisa vã. A um cimo tão alto que, se não estivermos munidos com aparelhos, passam em claro o elogiozinho mútuo, o compadrio — que coisas tão feias (porque afinal isto de andar na louvaminha é um caso muito grave) — e cá por baixo as gentes de boa fé aceitam como óptimo o que fôra rotulado ou pelo próprio ou pelo amigalhaço da esquerda. Em verdade o intelectual tem deveres. Por tudo e acima de tudo deve ser um homem da mais alta estrutura moral. A sua acção é a da sã conduta pelo mais belo comportamento. Êle não pode ser na rua uma coisa diversa do que é no lar. A êle estão interditas muitas modalidades que qualquer outra pessoa pode levar a efeito. Quando o intelectual pretende dar um passo deve pensar duas vezes para efectuar uma — mas com firmeza.

Ah! o dever dos intelectuais... (bem vistas as coisas o campo da ética vai até onde a elasticidade do pensamento conduzir as normas reguladoras)... o dever dêles é alguma coisa que êles devem respeitar. Que de resto não serão os outros que hão-de respeitá-los.

No livro de Fidelino de Figueiredo há aqui e além o seu pormenor histórico, que me parece fora de mão, pois a gente não pode, pelos moldes já usados, moldar formas de actividade onde os homens, em movimento contínuo, alteram a essência primitiva. Mas de resto todo o intelectual deveria meditar um pouco sôbre êste novo livro que talvez lhe fôsse proveitoso.

ANDRÉ GIL

H u m o r i s m o

Cosmorama

*Cardos de seda, com espinhos de ouro;
Carne à vela, bela como um tesouro.*

*Dedos de fuso, amalgamados e mortos;
Artelhos de ninfa, seios de «cocotte» . . .*

*Carne sem alma, carne alva e serena;
Carne branca, rosada, pálida, morena . . .*

*Colo de garça, elevado em turbilhão;
Seios de «cocotte», joelhos de sacristão.*

*Cântico dos cânticos, Aspásia e Jesus;
Goethe, ao morrer, pediu: « Mais luz! ».*

*Sonho com trombones em vibrações extáticas.
São sonhos fúteis de crianças linfáticas.*

*Sonho com amor, que em vão persigo;
Sonho com a dor, que adoro e sigo.*

*Sonho comigo mesmo, incarnado noutro;
Sonho comigo, mas não sou eu: sou outro.*

*Carne de címbalos, em vibrações aquosas;
Carne de leite e mel, de leite e rosas.*

*Carne de cavalo, vendida aos quilos;
Carne de anjo dada a comer aos grilos.*

*« Quem dá mais? Quem me compra? »
Grita na feira uma velha desdentada.*

*Tudo gira. Anda à volta. Rodopia.
Berra o merceeiro, à esquina: « Aqui não se fia! »*

*Anda a roda. Girou.
Não saiu nada.*

*Para um velho que passou,
A' sua bengala apoiado,
Diç um peralvilho enfeitado:
« Tome lá! Compre um rebuçado ».*

*Pérolas de Otranto. Corais do Oriente.
São boas para tentar um santo,
Como a Eva tentou a serpente.*

*Ouro de Manjacaçe. Rodas de Huila.
Nuvens feitas de gaze. Focinhos de gorila.*

*Cai a chuva, miúdinha.
A uma velha que vai a passar
Diç uma senhora vizinha:
« Ora a p. . . ! Ponha-se a andar! »*

PERSIL

Prosa para um Poeta

Esperava na realidade outra coisa. Quando fui ouvi-lo na noite da sua conferência antevisionava outro aspecto. Outra modalidade que se ajustava ao que eu conhecia de Você por intermédio da sua obra. Li tudo o que o Poeta reünia em volume. Segui, conforme me foi dado, o que publicou avulso na sua Revista. E desta posição resumia que Você fôsse, não o que eu conheci intelectualmente há dias em Coimbra, mas um outro que a espiritualidade dos seus escritos fizera criar. Então isso é ser Modernista? Introitozinho avoengo para preparar o auditório (o que se diz tem de ser feito por modos diversos do que se escreve — parece-me ser esta a essência do seu preambulo — disse o Poeta) e depois não trouxe qualquer coisa que nos deixasse vislumbrar um espírito à altura que os seus escritos põem à prova. Para mais, metido numa farda clássica, semi-académica, anti-modernista. Diziam os propulsores do ideal moderno que tudo, mas tudo inteiramente, dependia do nosso eu e contra o que estava firmado. Então que atitude é essa de seguir o trilho que outros já seguiram e que os modernistas no seu ataque pretenderam destruir? Parece-me que não vai bem Poeta, Você que tem muitas responsabilidades no movimento que alastrou Portugal de lés a lés, comportar-se como, vamos, um senhor muito sizudo, que pontifica sizudamente sôbre assuntos versados por gente que o antecedeu. No mundo das letras creio bem que será impossível uma posição inteira e totalmente nova. Mas já nos devemos conformar com êsse ramo que procura analisar o eu e construir sôbre essa análise. Porque no fim pouco de novo traz à literatura, mas vá lá, sempre produz uma técnica nova que é para louvar. Se na escrita os modernos têm mostrado uma facêta até agora inproveitada pelos Artistas, na confe-

rência, é preciso não esquecer, que também se espera algo diferente do conhecido.

Porque o auditório é sempre um conjunto, que ambiciona o que, quási muitas vezes, o Artista não pode dar. Porque êste raramente compreende a sua missão ante os ouvintes. Ora eu esperava que Você, responsável pela nova corrente infiltrada no canto ocidental, viesse também como orador trazer um prisma que deixasse transparecer novas vistas, novos aspectos. E daí uma incomensurável desilusão quando escutei o seu discurso tão vélhinho, tão bafiento, tão atirado para fóra dos ditames modernistas. Discursos com êsse aspecto qualquer pessoa faz. Já tenho ouvido muitos, e o indivíduo em acção será romântico, clássico, realista ou agora, posso juntar com o seu exemplo, modernista. Custa-me ter que lhe contar isto. Mas é por saber que Você, Poeta, tem uma Revista que já deu revistinhas, e que, por talvez a essência que a alma não ter sido bem expressa, produziu alguns malefícios nos mais novos que seguem a vossa obra. Se êles ouvirem a sua prelecção o mal aumentaria, creio bem.

Por fim só conto com a sua benevolência para que de futuro venha falar, mas com outras idéas, mais próprias da sua responsabilidade, nêste rumo que as letras dos nossos dias tomam cá pela nossa terra.

ANDRÉ GIL



«A vegetação tem uma augusta ignorância: a ignorância do sol, do orvalho e dos astros. Os bons, os angélicos, os maus são os mesmos corpos invioláveis, para a grande natureza sublime e compassiva.»

Eça de Queiroz.

Algo sôbre a origem da écloga

É opinião geralmente aceite que os primitivos habitantes da Terra se dedicaram à agricultura, numa fase rudimentar, à apascentação dos seus rebanhos. Os primeiros pastores habitavam as belas regiões do Oriente, vagueavam pelas margens dos rios e aprefeiçoavam as artes necessárias para a manutenção da vida que lhes sorria de ventura.

Eles próprios mediam, cultivam as suas terras fecundas, construíam humildes tugúrios, observavam o curso do dia e da noite pelos astros e cantavam a sua felicidade. Aos conhecimentos reduzidos da agricultura, geometria e astronomia juntavam o bom gôsto e predilecção pela música e poesia. A vida pastoril, na sua constante evolução, sofrera modificações radicais. A vida campestre dos tempos primevos não pode regular-se pela vida rústica actual; hoje vive-se, apenas, longínquas reminiscências dessa existência tranqüila. Muitos há que veem nas obras bucólicas, sômente, uma exposição arrazoada privativa da vida campesina e negam à poesia pastoril o seu valor e roubam-lhe a sua essência, repassada de suave sentimentalismo. Nessas eras recuadas não existiam distracções suficientes para amenisar a vida sedentária dos pastores e não é, pois, de admirar que, por prazer e utilidade, entoassem as suas endeixas, acompanhadas ora pelos anafis sonoros ora pelo cíciar rumorejante das correntes. O nosso povo «*toujours gai*» possui tendências para poetisar e todos, sobejamente, sabem que as nossas primeiras manifestações literárias se limitaram à poesia, já, nêsse tempo, bela na forma e no pensamento. O mesmo aconteceu em todos os confins do glôbo e não é para estranhar a actividade poética dos pastores. Se percorrermos as mais sertanejas aldeias de Portugal, lá ouviremos poesias novas e significativas, anónimas e por vezes envoltas em circunstâncias misteriosas, com motes simples e

entoadas pelas moças da aldeia, no regresso dos trabalhos campestres.

*

* *

Sôbre o lugar do nascimento da poesia bucólica várias opiniões se têm emitido. Alguns escritores dão-lhe por berço natal a Sicília, outros a Lacónia e por último ainda Siracusa.

De facto Vergílio, insigne bucólico, escreve na sexta bucólica :

*«Prima Syracusio dignata est ludere versu
Nostra, nec erubuit silvas habitare Thalia»*

A sua origem perde-se nas brumas caliginosas do tempo e não há possibilidade de limitar-se o seu início. O gramático Diomedes no seu livro «De ortu Bucolici carminis», Sérvio nos «Comentários» as Bucólicas de Vergílio e Pompónio Sabino no prólogo da mesma obra afirmou a sua antiguidade. Também Joaquim de Foios afirmou que a poesia bucólica «foi a primeira que no mundo os homens inventaram». Também eu terei a ousadia de confirmar que é tão idosa como a humanidade, simplesmente não podemos aferir o bucolismo dos primeiros tempos com a concepção moderna de poesia bucólica. A verdadeira poesia bucólica tal qual hoje a consideramos, appare no ocaso da literatura grega, na fase helenística. Os gregos adotaram, primeiro, a epopeia, a poesia lírica, a tragédia e a comédia; os romanos seguiram a mesma rota. Asseverando que o bucolismo é tão velho como a humanidade não trago inovações nem pratico heresias contra esta pouco defenida e estudada matéria. Na verdade se o canto é o resultado natural da alegria e se os íncolas primeiros do orbe viviam alegres, com certeza, cantavam a sua felicidade. Se até hoje os operários do campo, sobrecarregados com preocupações e abrasados pelos calores do astro-rei, cantam... com maio-

ria de razão os primevos homens, isentos de desassocêgos e malquerenças, deviam cantar. Começaram por exaltar, em versos, os louvores de Diana e sucessivamente celebravam os seus amores poéticos, as suas paixões e prazeres. «Quem canta, seu mal espanta» — diz o aforismo popular. Só quem vive mergulhado nêste exaustivo bulcício citadino, imbebido dum materialismo que lhe não deixa esvoaçar o espírito para outras regiões, não comprehende aquêlê verídico proverbio. A poesia bucólica foi, sem dúvida, a primeira a aparecer no mundo e dela brotaram os diferentes ramos de poesia.

*

* *

Para avaliarmos bem a poesia bucólica é necessário que nos transportemos entre os que habitam os campos e que consideremos nas suas pessôas a natureza tal como ela deve ser em si mesma porque, só por acidente, é corrupta — assim escreve Monsieur Segrais. A matéria das E'clogas não se reduz apenas a assuntos campestres e negócios pastoris mas versa também o eterno têma do amôr, na sua singeleza, nas suas relações honestas e nas altas e inolvidáveis palpitações da sensibilidade humana. E' de notar que os pastores da antiguidade não se limitavam a celebrar bagatelas, o amôr redículo e piégas, as flores, os rebanhos nédios. Êles foram ainda os intermediários para a difusão das Artes e Ciências; a vida pastoril de outrora difere muito da dos pegureiros das nossas aldeias. Vagos sinais nos restam dela, sendo para registrar o uso de flautas, búsios divulgado nas regiões serranas da Estrêla. A poesia bucólica diferencia-se das outras modalidades de poesia por características interessantes.

Essa dissimilhança consite nas diferentes paixões, descritas na composição, nos objectos que versa e nos diversos lugares em que decorre a acção das éclogas. A tranqüilidade em que

viviam, os férteis campos que pisavam, contentes «cum sorte sua» não lhes sugeriam violências e invejas pela felicidade alheia. Assim o demonstra Vergílio quando faz dizer a um protagonista das suas éclogas:

«Non ecquidem invideo; miror magis»

Dêste modo uma natureza, totalmente diversa, vinca bem a diferença do «modus vivendi» do temperamento e do caracter dos pastores de todos os tempos.

*

* *

O vocábulo «bucólico» applica-se a todo o género de poesia pastoril enquanto que o termo «idílio» que serve de epigrafe às obras de Teócrito, é um nome específico. O «idílio» é uma composição pastoril em que o poeta manifesta os seus affectos por uma forma não dialogada. Esta espécie de poesia foi bastante cultivada entre nós atingindo grande vivacidade e brilho com Bocage. A palavra «écloga» usada por Vergílio significa conversação, discurso ou diálogo pastoril. O termo «idílio» tem mais extensão do que o de «écloga»; esta implica sempre a existência de pastores em assuntos campestres dialogados. Boileau, todavia, não faz distinção entre as citadas composições; o estilo bucólico deve ser simples, natural, sem prosápias de linguagem, sem a soberba dos versos presumidos. O mesmo Boileau diz na sua «Arte Poética».

*«Son tour simple et naïf n'a rien de fatueux
Et n'aime point l'orgueil d'un vers presomptueux.»*

Sendo o objecto do género pastoril atraente na sua simplicidade e nobreza, é lógico que deve estar expurgado de injú-

rias ou acerbas críticas. Vergílio, porém, não se furtou a êste defeito e em «Bávio e Mévio» usa duma expressão sensivelmente satírica. Mas a simplicidade não exclui a graça e elegância, o uso de metáforas, alegorias e comparações breves. A propósito transcrevo alguns períodos de Rufier sôbre a écloga :

«A écloga representa as matérias campestres ou pelo menos matérias envoltas em alegorias ou ideias campesinas; nêste género trata-se de bosques, prados, frautas, rios, pastores, flôres, divertimentos campestres e prazer que inspira a natureza simples e inocente; os Tirsis, os Coridons, os Silvios, as Tiles, as Ninfas, os Sátiros, Silenos e Pan são ali os nomes familiares; debaixo, porém, dessas designações e figuras, criadas pela mitologia, movem-se as pessoas mais célebres na vida civil e política; esta alegria engenhosa causa tanto mais prazer quanto a imagem é mais natural, quanto as figuras são mais simples e quanto se desconfia menos do seu artificios».

JOSÉ MENDES DA FONSECA



Trechos sem comentário

(Eça de Queiroz — «O Conde de Abranhos»)

.....
«A primeira vantagem da Universidade, como instituição social, é a separação que se fórma naturalmente entre *estudantes* e *futricas*, entre os que apenas vivem de revolver idéas ou teorias e aqueles que vivem do trabalho. Assim, o estu-

dante fica para sempre penetrado desta grande idéa social: que há duas classes — uma que sabe, outra que produz. A primeira, naturalmente, sendo o cérebro, governa; a segunda, sendo a mão, opera, e veste, calça, nutre e paga a primeira».

.....

«Têm alguns espíritos, ávidos de inovação, ainda que no fundo sinceramente afeiçãoados aos princípios conservadores, sustentado que o sistema da *Sebenta* (como na sua jovial linguagem lhe chama a mocidade estudiosa) é antiquado. Eu considero, porém, a *Sebenta* como a mais admirável disciplina para os espíritos moços. O estudante, habituando-se, durante cinco anos, a decorar todas as noites, palavra por palavra, parágrafos que há quarenta anos permanecem imutáveis, sem os criticar, sem os comentar, ganha o hábito salutar de aceitar sem discussão e com obediência as idéas preconcebidas, os princípios adoptados, os dogmas provados, as instituições reconhecidas. Perde a funesta tendência — que tanto mal produz — de querer indagar a razão das cousas, examinar a verdade dos factos; perde emfim o hábito deplorável de exercer o livre-exame, que não serve senão para ir fazer um processo científico a venerandas instituições, que são a base da sociedade».

.....

«Não menos maravilhoso parecia ao Conde o sistema das relações entre o *estudante* e o *lente*.

O hábito de depender absolutamente do lente, de se curvar servilmente diante da sua austera figura, de obter por meio de empenhos que a sua severidade se abrande, forma os espíritos no salutar respeito da autoridade. O sentimento excessivo da dignidade pessoal leva ao amor exagerado da independência civil. Cada um se torna por êste modo o seu próprio dono, o seu chefe, o seu Rei, o seu Deus. É a anarquia! Assim educado, durante cinco anos, a curvar-se, a solicitar, a sorrir, a obedecer, a lisonjear, a suplicar, a depender, o bacharel entra na vida pública disciplinado, e, em lugar de ser o homem que quer tomar na vida o lugar que lhe convém (o que seria a

desorganização das posições sociais) vai humildemente colocar-se, com um sorriso, no lugar, na fila, no cantinho que lhe marcam os que governam. Assim se forma uma imperecível harmonia social».



C a r t a s a n i n g u é m

(a Albino Forjaz de Sampaio)

MEU CARO AMIGO

Dirijo-me a ti porque és *ninguém*. Não fazes ideia do prazer exquisito que se sente ao escrever nestas condições. Tu não és corpo não és espírito. Não tens sentimentos, sensações, vontade. Contigo posso ser sincero porque nem sequer me arrisco a que me compreendas. A ti mostro-me tal qual sou. Para os outros tenho que escrever em função das suas ideias, das suas maneiras de vêr, contar com as suas reacções.

A ti, porque és *ninguém*, tôdas estas precauções são desnecessárias porque tu não pensas, não sentes, não reages.

Olha meu amigo começo por te fazer uma afirmação: *sou egoísta*. Sim. Que me importa o resto do mundo se tudo em mim gira em função de mim próprio? Falam-me em divindades, em fôrças, em poderes, em valores. E, queres saber, por trás de tudo isso sinto-me a mim só. Sou *eu* que architecto essas divindades, sou *eu* que crio essas fôrças, sou *eu* que vivo êses valores. *O mundo sou eu*. Ao contrário do bom oriental que dissolve a sua personalidade no todo, eu absorvo o todo em mim. Como é bela esta dilatação do *eu*.

As belezas da terra, os valores divinos, o belo e o feio, o bom e o mau, o justo e o injusto tudo me pertence. Porque, tu bem o compreenderias, que me é impossível viver a Beleza, sentir a Justiça, amar a Deus. Eu vivo a *minha beleza*, eu sinto a minha *justiça* eu amo o *meu deus*. Os valores são *meus* ou melhor os valores *sou eu*. É por isso meu amigo que te digo mais uma vez *sou egoísta*.

Mas, dirias tu se pensasses, estás a cair numa contradição. Começas a carta falando nas ideias, nos sentimentos, na vontade dos outros e dizes que afinal o mundo *és tu*. Puro engano, meu caro; esta distinção que eu faço entre mim e os outros é artificial. É o producto dum hábito em que me puz. Repugnava-me incluir em mim o *mau*. E dessa repugnância saiu esta distinção. Ao *mau* chamei-lhe *outros*. O *bom* sou *eu*. Os outros são malvados, são miseráveis que só servem para me fazer atrito, contrariar-me. Mas, eu sinto-o, isto é apenas um hábito, uma comodidade. Porque eu sou tudo, sou *eu* e sou os *outros*, sou o *bom* e sou o *mau*. O que me repugna meu amigo é falar dirigindo-me ao *mau*, aos *outros*. É por isso que me dirijo a ti, que não és ninguém.

Mas... pavorosa realidade *eu* também *sou tu*. E é talvez em última análise o que sou apenas. *Ninguém e tudo*. Sou valores, energia, alma, vida mas não sou ninguém.

Sou o mundo, sou o todo, sou o Universo. Sinto, penso, quero, mas, em última análise, sou *ninguém*.

E... a conclusão é pavorosa. Falando até contigo meu amigo encontro-me *só a mim*. É triste, muito triste só podermos falar com nós próprios, sentirmo-nos sós, isolados na nossa totalidade.

JONE

Chagas Universitárias

O Laboratório de Psicologia Experimental da Faculdade de Letras

Não acusamos. Sabemos, e infelizmente por experiência própria, quantas dificuldades e quantas más vontades tem que vencer quem dirige. Registamos apenas os factos e limitamo-nos a pedir providências para coisas que se nos afiguram urgentes.

Há dias em amena conversa com um nosso colega de secção referimo-nos ao Laboratório de Psicologia Experimental da nossa faculdade. — Mas, respondeu-nos, o que vem a ser isso? Onde fica?

Podê-lo-eis acusar de aluno descuidado, pouco observador, que nem conhece a faculdade em que estuda. Todavia, é-nos forçoso confessar, a pergunta do nosso amigo tem uma profunda razão de ser. **O Laboratório de Psicologia Experimental da Faculdade de Letras não existe de facto.**

Há, na verdade, uma sala onde jazem alguns aparelhos cheios de pó e ferrugentos, onde se encontram pendurados das paredes gráficos e estatísticas desbotadas e onde há um tapete sujo em que estão gravadas as palavras: *Laboratório de Psicologia Experimental*. O que, porém, se observa é que os aparelhos não são usados, os gráficos e as estatísticas não são consultados e o tapete é pisado somente como lugar de passagem.

Numa época em que a selecção escolar é ordem do dia, em que na base legislativa dos exames de admissão ao liceu se preconiza a aplicação de *tests*, em que por tôda a Europa civilizada a Psicologia Experimental é olhada com carinho e atenção, não só para fins escolares como para orientação pro-

fissional, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde existe uma cadeira de Psicologia Experimental, não há um Laboratório que se possa considerar *suficiente* (não queremos exigir *bom*) para que os alunos saiam da Faculdade conhecendo o mínimo indispensável a todo o pedagogo.

De quem é a culpa? Não nos interessa. O que interessa, o que é urgente, é que se olhe com mais amor, mais carinho, quanto mais não seja por vergonha, para êste estado de coisas.

Quando nas Universidades estrangeiras a cadeira de Psicologia Experimental é das que mais atenções atrai, tendo um corpo docente especial, constituído, além do professor das aulas teóricas, por assistentes e técnicos que regem as aulas práticas, na nossa *velha* Universidade. . .

O que é necessário então fazer?

Impunha-se aumentar, seguindo o exemplo dos outros países, o pessoal docente da cadeira de Psicologia Experimental.

Impunha-se que as aulas práticas fôsem dadas no laboratório, que para êsse efeito deveria ser *restaurado e provido* de tudo o que se torna indispensável. Impunha-se que os alunos fizessem trabalhos a sério, trabalhos de investigação que pudessem no fim do ano ser publicados com alguma utilidade para o *progresso nacional*.

E. . . , devemo-lo confessar, nada disto era difícil de fazer. Porque se não faz, portanto? Que no-lo responda quem puder.

JOSÉ NEIVA



« A glória é a fé na homogeneidade e na continuidade do que é sublime em todos os tempos; é o protesto contra a mudança das espécies e a instabilidade ».

Friederich Nietzsche

U m l n q u é r i t o

Daqui a alguns meses completa a nossa *velhinha*, a Universidade de Coimbra, a linda soma de 600 anos.

Atravessando períodos áureos, passando por vezes grandes crises, ela é ainda hoje um *ser vivo* que, todavia, mal respira, votada ao desinteresse de alguns, à má vontade de muitos outros.

Curioso seria nesta hora em que se vai *festejar* o seu 6.º centenário que recolhessemos algumas opiniões sinceras e desasombradas sôbre o pobre ente que não quer morrer.

« Ágora » abre o inquérito :

O que pensa sôbre a Universidade?

Esta pergunta é dirigida a todos, estudantes e professores, amigos e inimigos, interessados e desinteressados.

As respostas serão regularmente publicadas e devem ser dirigidas para a nossa redacção no *L. da Fornalhinha*, n.º 19.



« As mais serenas filosofias, as renúncias mais santas ocultam muitas vezes no fundo um acerbo rancor contra a vida ».

Guido da Verona

V i d a a r t í s t i c a

Por amável deferência dos organizadores, assistimos a um « recital » promovido pela *Presença*, na Associação Comercial e Industrial de Coimbra.

Adolfo Casais Monteiro, elegantemente vestido, leu uma grande dissertação sobre « Música e Poesia ». A-pesar-de lógica, clara e bem exposta, a assistência conseguiu resistir ao sono . . .

A cantora D. Arminda Correia, cuja foto e fonogenia são indiscutíveis, esforçou-se por *viver* alguns « poemas » impossíveis, de Fernando Pessoa, Adolfo Casais Monteiro, Carlos Queiroz, etc.

Gostamos da « Pastoral », de Afonso Duarte; e tivemos pena que o acompanhamento não nos deixasse apreciar a beleza do artístico « Ícaro », de José Régio — que nos pareceu, no entanto, uma obra-prima de emoção e poder expressional.

Não vale a pena falar na música. O público aplaudiu, entusiasmado, e obrigou a bisar, especialmente, uma quadrazinha — cuja exaltação de sentimento tresandava a fado. Quanto às outras « canções populares » — são das *coisas* mais chochas que temos ouvido.



« O [lado] moral do amor é um sentimento fictício nascido com o uso da sociedade ».

Rousseau



« Os homens serão sempre o que as mulheres quiserem . . . ».

Rousseau

Publicações recebidas

No último mês, deram-nos a honra da sua visita mais as seguintes publicações: *Ensaio pedagógico* e *A Terra*, de Coimbra; *Medicina veterinária*, de Lisboa; *Jornal de Moura*; e *Inteligência*, de S. Paulo — Brasil.

A todas a expressão do nosso agradecimento.

Recebemos também alguns opúsculos do « Secretariado de Propaganda Nacional » e o livro *O dever dos intelectuais*, de Fidelino de Figueiredo — a que o nosso colaborador André Gil se refere, neste número.

A REDACÇÃO.



« A Providência é um nome de amizade que se costuma dar ao acaso quando êle nos satisfaz. . . ».

Henry Falk

CINE-TEATRO
SOUSA BASTOS

O MAIS POPULAR E ANTIGO TEATRO DE COIMBRA

GRANDE SÉRIE DE ESTREIAS:

R u m b a
G E O R G E R A F T

O Escandalo do Dia
C L A R K E G A B L E

Campeões Olímpicos
B U S T E R C R A B B E

A espia n.º 13
G A R Y C O O P E R

R o b e r t a
F R E D A S T A I R E
G I N G E R R O G E R S

O drama de Serajevo
K A Y F R A N C I S

B o l e r o
G E O R G E R A F T

A Lotaria do Amor

CINEMA TIVOLI

A CASA DE ESPECTÁCULOS
MAIS ELEGANTE DE COIMBRA

TELEF. 52

NO DIA 31 DE MARÇO EXIBIRÁ:

A sinfonia do amor (Beloved)

COM JOHN BOLES
E GLORIA STUART

NO DIA 3 DE ABRIL:

O homem que sabia demasiado

COM PETER LORRE

NO DIA 8 DE ABRIL:

Nossa Senhora de Lourdes

NO DIA 11 DE ABRIL:

A qui há gato!



NAS «MATINÉES» DAS QUIN-
TAS-FEIRAS TODOS OS
ESPECTADORES TEEM
GRANDES DESCONTOS NOS
SEUS BILHETES E DÃO-SE
VALIOSOS BRINDES

COIMBRA EDITORA

LIVROS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

ENCOMEN-
DAS RAPIDAS

RUA FERREIRA BORGES
COIMBRA

CASA TRANSMONTANA

TABACARIA
PAPELARIA
JORNALIS E
REVISTAS

PERFUMARIAS NACIO-
NAIS E ESTRANGEIRA

SECÇÃO DE ARTIGOS
FOTOGRAFICOS,
POSTAIS ILUSTRADOS

JOSÉ F. ANDRADE

R. CANDIDO DOS REIS — 26 (ALTA)

COIMBRA

FARMÁCIA

ARMÉNIO FERREIRA

FARMACEUTICO QUÍMICO PELA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DERMINOTYOL
REMÉDIO EFICAZ

PARA CURAR ECZEMAS,
HERPES, INFECCÕES DA
BARBA E COURO CABE-
LUDO, IMPIGENS E OU-
TRAS DOENÇAS DA PELE

RUA FERNANDES TOMAZ, 2-4

COIMBRA

